

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO

CENTRO DE LETRAS E ARTES

ESCOLA DE LETRAS

CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS – LICENCIATURA

**CORPOS NO CÁRCERE: EXONERAÇÕES DE GRACILIANO RAMOS E PRETA
FERREIRA**

MARIA CLARA ALVES GONÇALVES

RIO DE JANEIRO

FEVEREIRO DE 2025

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO

CENTRO DE LETRAS E ARTES

ESCOLA DE LETRAS

CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS – LICENCIATURA

**CORPOS NO CÁRCERE: EXONERAÇÕES DE GRACILIANO RAMOS E PRETA
FERREIRA**

MARIA CLARA ALVES GONÇALVES

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à banca examinadora como
um dos requisitos para obtenção do Grau
de Licenciado em Letras, realizado sob
orientação do Professor Marcelo dos
Santos.

RIO DE JANEIRO

FEVEREIRO DE 2025

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO

CENTRO DE LETRAS E ARTES

ESCOLA DE LETRAS

CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS – LICENCIATURA

Corpos no cárcere: exonerações de Graciliano Ramos e Preta Ferreira
por

Maria Clara Alves Gonçalves

Trabalho de Conclusão de Curso

BANCA EXAMINADORA

Professor Marcelo dos Santos [UNIRIO, orientador]

Aline Leal Fernandes Barbosa [UNIRIO, avaliador]

RIO DE JANEIRO

FEVEREIRO DE 2025

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer às minhas duas avós, Elizete e Júlia, duas mulheres que me ensinaram muito sobre o amor e a quem dedico minhas conquistas, pois sei que de onde estiverem me desejam sorte e torcem muito por mim.

À minha família, por me entregar todo o apoio necessário para que eu pudesse chegar até aqui, principalmente os meus pais, Alberto e Elizabete, que mesmo de longe sei que gostariam de celebrar essa conquista de perto.

Às pessoas que sabem que tem um pedacinho especial no meu coração, me desejam bem e torcem por mim.

Especialmente ao Gabriel, por ser uma pessoa muito especial nesse mundo, que além de ser meu amor é também um grande amigo, obrigada por me escutar e sempre me incentivar.

À todos os professores da UNIRIO que deixaram uma marca bonita em minha memória, especialmente o Professor Marcelo, meu orientador, que admiro muito como pessoa, professor e educador. E também à professora Aline com quem tive trocas riquíssimas nas aulas ministradas por ela e por ter se disponibilizado a ler e avaliar meu trabalho, muito obrigada.

E por fim, mas não menos importante, gostaria de agradecer a mim mesma, que apesar de todas as vozes na minha cabeça, me dizendo insistentemente que não seria capaz, fiz questão de provar o contrário e não desistir.

RESUMO: Este trabalho teve como objetivo analisar, a partir das memórias do autor Graciliano Ramos sobre o cárcere, no livro *Memórias do Cárcere* (1953), as sensações do corpo preso, e como ele, mediante a uma posição de não distanciamento diante dos outros presos, se recusa a receber tratamento diferenciado por ser preso político. A grande importância de sua obra está em materializar em palavras o sofrimento e a condição em que aqueles corpos presos se encontravam, mantendo vivas as imagens que só existiram para aqueles que presenciaram aquelas situações desumanas e que se não fossem por elas, permaneceriam desconhecidas. Em seguida, comparar sua obra com a obra da autora Preta Ferreira, *Minha Carne: diário de uma prisão* (2020), permitiu estabelecer pontos de conexão e divergência entre as duas experiências. A partir do estudo da fenomenologia da percepção de Merleau-Ponty foi possível compreender como a experiência de mundo é muito diversa baseada na experiência do corpo, ou seja, corpos negros ou brancos, de homens ou de mulheres, se constroem e existem de diferentes maneiras. Por isso que as literaturas escritas por essas duas figuras foram de suma importância não só para deixar isso evidente mas também para levar, para além dos muros da prisão, as vidas que vivem sob domínio dessa instituição, que muitas vezes perdem o direito à voz. Diante dessas experiências comprovou-se como a escrita é um ato de resistência e por meio dela relatam-se as sensações de liberdade que o corpo busca sentir para sobreviver, imaginar e criar em meio a uma instituição que visa moer os corpos sob o seu domínio.

PALAVRAS CHAVE: Literatura no cárcere; Preta Ferreira; Graciliano Ramos; Sensações de liberdade

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
CAPÍTULO 1-Sensações de liberdade: o corpo-Graciliano.....	10
CAPÍTULO 2- Corpos femininos no cárcere: Preta Ferreira.....	29
CONCLUSÃO.....	50
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	51

INTRODUÇÃO

A literatura permite que as narrativas presentes em diversos corpos, marcados pelas suas subjetividades e diferentes experiências de vida, viagem até as mentes de outras pessoas que podem se identificar ou conhecer perspectivas e sensações que nunca poderiam vivenciar ou sentir. Neste trabalho irei abordar, mais especificamente, a literatura produzida por pessoas que viveram a experiência do cárcere, o que permitiu que suas narrativas ultrapassassem os muros impostos pela prisão.

O que me aproximou desse tema foi participar do projeto da Unirio de remição de pena pela leitura, ministrado pelo professor Marcelo Santos, no qual, ao adentrarmos o presídio, oferecemos atividades baseadas na leitura de diversos livros, com o objetivo de diminuir os dias de prisão. Essa experiência permitiu que eu pudesse testemunhar e vivenciar uma pequena parte daquele ambiente, conhecer algumas personalidades ali dentro, dentre elas, algumas com mais facilidade para realizar as atividades, e outras nem tanto, o que por vezes levava à desistência. Por meio dessas atividades, eles podem praticar a atividade da escrita e desenvolver um olhar autoral e crítico em torno do seu mundo. As produções em decorrência de projetos assim permitem que o preso materialize em palavras sua história, que por vezes não é contada, sendo soterrada pelos discursos oficiais.

Para iniciar essa discussão, abordarei a obra do escritor Graciliano Ramos, *Memórias do Cárcere* (1953), que teve grande repercussão pela sua habilidade em tecer uma relação intrínseca entre suas experiências individuais, aquelas referentes aos outros que o acompanhavam e, também, o contexto em que viviam. A sua escrita é marcada pela exposição das sensações às quais o corpo encarcerado estava submetido a sentir, deixando evidente as transformações que ocorriam sobre o mesmo dentro daquele ambiente. A sua posição de não distanciamento diante dos outros presos foi de essencial importância para refletir sobre as diferenças entre preso político e preso comum, e porque essas duas categorias receberiam tratamento diferente dentro do presídio.

Para contextualizar o surgimento das prisões e do corpo como alvo de punição, recorri aos estudos de Foucault. Assim foi possível analisar como essa nova maneira de controle sobre os corpos, que antes se dava publicamente e de

forma extremamente violenta, passou a se dar por meio da supressão do direito à liberdade, mas na prática as punições ferozes continuaram. O que nos ajudou a compreender que os presídios não são espaços para ressocialização dos indivíduos, mas espaços em que a tortura é aceitável e normalizada, em que aquele que está preso perde todos os seus direitos humanos e é tratado como bicho/coisa, como é constantemente descrito e relatado por Graciliano Ramos e Preta Ferreira.

A perspectiva de Graciliano, não coloca em questão a racialidade como pauta de discussão em sua obra, ele não reflete sobre a cadeia como um lugar de moer corpos negros e pobres, apesar disso, ele reflete insistentemente sobre a condição degradante em que estão, enxergando naqueles que o controlam os verdadeiros animais. Ele não deseja ser diferenciado dos outros, por sentir que naquele ambiente se tornara um bicho ignorante e sem condições de pensar logicamente, quando é chamado de “Doutor” fica espantado pelo tratamento:

Doutor, que estupidez! Essa ironia besta anunciava desgraça. Tinha-me esforçado por esquivar-me, ser uma partícula invisível na turba, linha de quatro algarismos no catálogo de Cubano. Obrigavam-me a sair da massa anônima, personalizavam-me e, além de tudo, conferiam-me distinção perigosa. Aquilo era tão burlesco e tão lastimoso que me senti como um ator infeliz chamado à cena para receber vaia. Tive a impressão de me haverem posto um rabo de papel e orelhas de burro. (...) Convenciam-se da existência de um doutor no meio ignóbil, a definhar na piolheira, o crânio devastado a máquina. (RAMOS, 2020, P.96)

Já na escrita de Preta Ferreira, por meio da sua obra *Minha Carne: diário de uma prisão* (2020), foi possível compreender a visão de uma mulher negra e periférica, com plena consciência das relações intrínsecas do sistema de justiça criminal brasileiro com o racismo proveniente da colonização. Seu livro é marcado pela reflexão em torno do lugar do corpo negro na sociedade, a incompetência do sistema jurídico que mantém presas muitas pessoas inocentes e também pela sua produção de arte, músicas e poesias, que lhe trouxeram alívio e esperança enquanto estava presa. Ela expõe também a verdade que se esconde por trás dos discursos oficiais, em um movimento de contranarrativa que revela os fatos necessários para a compreensão da perseguição e criminalização do seu corpo.

A construção de seu livro se deu a partir de uma escrita em formato de diário, como se conversasse consigo mesma nos momentos de solidão, por isso a marca da oralidade se faz presente, o que nos faz sentir próximos da autora, como se

estivesse – e estava – nos contando tudo o que via e sentia de forma íntima. O que revela um primeiro destaque da diferença entre as duas obras, já que em Graciliano sua escrita é caracterizada pela lembrança do que se passara, é a materialização da memória, por isso somos levados a sentir as experiências de maneiras diferentes de acordo com a escrita de cada um. Além disso, a escrita de Preta não é marcada apenas pelo relato e denúncia daquela situação, mas também pelo seu ativismo lá dentro e sua reivindicação de direitos, o que se deu também por meio de entrevistas, já que sua prisão gerou grande repercussão, por ser artista e ativista na luta por moradia.

Por meio dos estudos de Juliana Borges (2019), compreenderemos como funciona essa engrenagem de um sistema que visa criminalizar, encarcerar e matar corpos negros. A história de vida de Preta é um exemplo disso, e dentro do seu livro ela conta sobre os relatos de vida de mulheres que conheceu, marcadas pela vulnerabilidade social e econômica. Ela traz à tona esse recorte de gênero em torno dos motivos que levam as mulheres a serem presas no Brasil e, assim, contribui para que a sociedade reflita sobre os estereótipos criados em torno desses corpos.

Além disso, procuro demonstrar como as experiências de Graciliano Ramos e Preta Ferreira conversam entre si. Ambos encontram na escrita um espaço para refúgio, para viver a liberdade da mente e buscar outras sensações, o que põe em evidência um recurso para sobrevivência e resistência do corpo.

Capítulo 1 - Sensações de liberdade: o corpo-Graciliano

Talvez seja certo afirmar que o desejo de contar uma história é intrínseco ao ser humano e isso se manifesta de diversas maneiras na sociedade, principalmente através da produção de literatura. Por meio desta, torna-se possível captar e expandir a realidade do contexto em que determinado corpo esteve imerso, o retrato de uma época, assim como as suas subjetividades e sensações às quais esteve exposto. Portanto, visibilizam-se questões que atravessam corpos que não os nossos, com experiências distantes, dentre as quais, por exemplo, a experiência do cárcere.

O estado de perda da liberdade do corpo pode despertar, nos sujeitos que se encontram nessa situação, o desejo de buscar, através da escrita, um caminho para criar, manifestar a liberdade da sua mente e, também, através do relato, denunciar as inúmeras atrocidades que acontecem nesses espaços. Em segundo plano, podem reivindicar seu lugar no mundo e suas subjetividades, visto que as prisões tendem a despersonalizar aqueles que se encontram dentro dela, fazendo-os sumirem em meio a uma multidão de corpos. A prisão, de acordo com o escritor Philippe Artières, pode ser considerada uma “fábrica de textos”, já que a escrita pode se tornar uma atividade em que os presos dedicam boa parte de seu tempo, desenvolvendo textos sobre a experiência prisional, como crônicas, cartas, memórias e autobiografias. Dessa forma, por mais que seus corpos estejam sob privação de liberdade, conseguem manter uma relação ativa com o mundo exterior.

No decorrer da história, vemos como o corpo foi um objeto por meio do qual a justiça agia, tornando-o alvo de aprisionamento. No livro *Vigiar e Punir*, de Michel Foucault (1975), em uma análise acerca das transformações desse controle sobre os corpos, observa-se como a punição deixou de ser um espetáculo sangrento e violento para se tornar, agora, em teoria, apenas uma supressão da liberdade. O corpo não seria mais o alvo da justiça, mas um intermediário; a punição não seria mais diretamente direcionada a ele, mas à alma. Buscando esclarecer essas questões, Foucault, em seu livro, descreve como se dão essas novas formas de controlar, disciplinar e docilizar o corpo, somadas a supressão da liberdade:

O poder sobre o corpo, por outro lado, tampouco deixou de existir totalmente até meados do século XIX. Sem dúvida, a pena não mais se centralizava no suplício como técnica de sofrimento; tomou como

objeto a perda de um bem ou de um direito. Porém castigos como trabalhos forçados ou prisão — privação pura e simples da liberdade — nunca funcionaram sem certos complementos punitivos referentes ao corpo: redução alimentar, privação sexual, expiação física, masmorra. (FOUCAULT, 1975, P.19)

Essa marca do castigo, antes imediata, recaindo sobre o corpo das mais violentas formas, agora faz-se, segundo Foucault, de forma mais profunda, pode até não ser vista, mas será carregada pelo corpo enquanto a sentença durar e até depois, quando não estiver na prisão. O corpo ficará eternamente marcado pelas memórias das dores a que foi submetido e, diante da sociedade, também ficará negativamente marcado. Por isso que, na prática, essas violências que se davam explicitamente sobre o corpo não sumiram, principalmente no Brasil. Elas foram apenas mascaradas e se dão de forma escancarada, por trás dos muros da prisão, onde os olhos do restante da sociedade não podem alcançar.

Os presídios, embora teoricamente tenham por função somente a privação do direito à liberdade, agem privando uma série de direitos humanos, resultando em uma degradação do sujeito que está preso. Esse fim tem como justificativa a existência de um pensamento comum na sociedade de que aquele que cometeu algum crime, deve ser punido de forma violenta e pouco importa se as condições do cárcere no qual pagará sua sentença serão insalubres ou não, negando-lhes qualquer resquício de humanidade. Posteriormente, também são negadas oportunidades efetivas de ressocialização, o que faz o retorno a vida em sociedade uma tarefa quase impossível, é como se já fossem sentenciados a uma espécie de morte social, já que o estigma sobre esses corpos têm como consequência o preconceito e a rejeição por parte do restante da sociedade.

É importante ressaltar que quando o contexto por trás desses corpos deixa de ser analisado, para uma maior compreensão dos motivos que abriram os caminhos para a escolha do crime, tiramos da conta do Estado qualquer parcela de culpa na relação com o alto índice de criminalidade. Dentre a maioria daqueles que vão parar atrás das grades, estão pessoas pretas e pobres, de acordo com o site Agência Brasil ¹“dos mais de 850 mil presos no país, cerca de 70% são negros, um

1

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/direitos-humanos/audio/2024-07/estudo-70-da-populacao-carceraria-no-brasil-e-negra#:~:text=Dos%20mais%20de%20850%20mil,Anu%C3%A1rio%20Brasileiro%20de%20Seguran%C3%A7a%20P%C3%ABlica>

universo de 470 mil pessoas. Os números escancaram o racismo estrutural no sistema carcerário brasileiro. Os dados são de 2023 e estão no Anuário Brasileiro de Segurança Pública”.

Acredita-se que essa parcela da população, mais vulnerável, está mais propensa a cometer crimes, tendo em vista como causa a pobreza e o abandono em que vivem. No entanto, através da criminologia crítica, em estudos que analisam os níveis de intervenção do sistema penal, um deles a seletividade quantitativa, compreende-se que a criminalidade se dá em todos os extratos sociais, portanto, o que vemos acontecer é uma criminalização desigual, evidenciando como o sistema penal age de forma racista, mirando em corpos específicos, como mostra a professora Ana Flauzina em seu estudo:

No que tange ao aspecto quantitativo, as investigações apontam para a indisposição de propósitos e a impossibilidade material do sistema de gerir as práticas delituosas como um todo. Os estudiosos chegaram a essas conclusões graças à análise dos fenômenos da criminalidade de colarinho branco e da cifra oculta da criminalidade. Em relação à primeira variável, verificou-se que os delitos cometidos pelos indivíduos dos grupos hegemônicos têm uma tendência a serem imunizados, em oposição aos praticados pelos segmentos vulneráveis, que são facilmente atingidos pelo sistema penal. (FLAUZINA, 2006, P.23)

Consequentemente, o cárcere termina por proporcionar um silenciamento dessas existências, vítimas de um sistema criminal injusto e ineficaz que não tem como objetivo punir aqueles que infringiram leis estabelecidas pelos contratos sociais, mas sim manter sob controle aquela parcela da população que historicamente vem sendo criminalizada para que os privilégios dos mais poderosos continuem intactos. As narrativas e realidades desses corpos, alvos do sistema criminal, foram sufocadas e, por muito tempo, não receberam espaço para discussão no mundo aqui fora. Porém, uma forma encontrada de romper com esse silenciamento e ampliar a magnitude das discussões em torno do sistema de justiça criminal foi através da produção de literatura, já que, por meio dela, o sujeito reivindica o lugar de contar a sua própria história, desmascarando as “mãos invisíveis” que trabalham minuciosamente para o funcionamento de um sistema muito bem estruturado e organizado.

No contexto da literatura do cárcere, perdurou durante um tempo considerável as narrativas de homens brancos, fossem eles presos políticos ou jornalistas engajados em relatar histórias que ouviram de pessoas atravessadas pela prisão. Esses textos, escritos por pessoas com acesso ao meio de produção de literatura, com domínio da norma culta da língua portuguesa e, também, com certa visibilidade e credibilidade, revelam realidades e perspectivas que divergem daquelas referentes à maioria da população carcerária brasileira, ou seja, negros e pobres.

Em contraposição aos presos políticos, a narrativa dos presos ditos “comuns” só começou a ganhar espaço e despertar interesse após o massacre do Carandiru, que ocorreu em 1992, causando a morte de 111 detentos. A partir do livro, *Estação Carandiru*, escrito pelo médico Drauzio Varella, que trabalhou no presídio e se prontificou a relatar alguns testemunhos dos presos, houve uma *autorização* para que a versão desses presos tivesse alguma credibilidade. Esse acontecimento também deu margem para que uma série de registros artísticos e subjetivos pudessem surgir posteriormente. Além disso, pode-se perceber um despertar do imperativo ético de contar sobre o ocorrido, para que a história não se repita no futuro. Dessa forma, surgem diversos projetos culturais que proporcionam a prática da leitura e da escrita, dentro dos presídios, como forma de remição de pena, demonstrando como, a partir de situações catastróficas, viabilizam-se tentativas de resgatar a humanização dos indivíduos que estão nesses locais. Por isso que, atualmente, existem muitas pessoas dentro das prisões escrevendo sobre suas experiências.

Neste capítulo, irei abordar a obra de um autor que escreveu sobre sua experiência dez anos após ter recuperado sua liberdade e ela revela uma versão do outro lado da moeda, de outra realidade social, em oposição àqueles que ocupam o cárcere em sua maioria. O livro *Memórias do Cárcere* foi a obra produzida como resultado dessa experiência, escrita pelo célebre autor Graciliano Ramos, que, durante a repressão do governo de Getúlio Vargas, foi preso sem julgamento e sem acusações formais, permanecendo assim desde o dia 3 de Março de 1936 até o dia 13 de Janeiro de 1937. Compreendo essa experiência como uma expulsão da vida em sociedade, por isso o uso da palavra exoneração no título escolhido para o meu trabalho.

Graciliano, por mais que na época não fosse filiado a nenhum partido político, foi alvo dessa perseguição política que se deu após o levante comunista de 1935. Por conta desse levante, muitos militantes de esquerda foram presos e a produção de obras autobiográficas e memoriais, por parte de alguns desses presos políticos, contribuiu para abranger o leque da literatura do cárcere; retratar as diferentes perspectivas sobre as prisões em que estiveram durante esse período; consolidar a construção da imagem sobre si mesmos, dentro dessa etiqueta de preso político, que se deu a partir das relações que travaram com os *outros* sujeitos naqueles espaços.

A historiadora Priscila de Oliveira se debruça sobre essa construção da noção de preso político a partir de algumas obras autobiográficas de autores que sofreram prisão política durante a Era Vargas em um dos capítulos do livro *De presos políticos a presos comuns: estudos sobre experiências e narrativas de encarceramento* (2021). Por meio da sua pesquisa, chega à conclusão de que os presos políticos desejavam reforçar a si mesmos como uma figura distinta daqueles que consideram seu oposto, o preso comum, gerando uma sensação de alteridade e reforçando os estigmas presentes na sociedade. As palavras escolhidas para se referirem aos presos comuns, em seus relatos, são um reflexo do imaginário social estabelecido em relação a eles, com isso reforçam uma imagem depreciativa já existente, sendo considerados pessoas sem moral, “malandros da pior espécie”.

Dentre um dos relatos que ela destaca, retirado do livro *Uma vida em seis tempos (memórias)*, publicado em 1976, de Leôncio Basbaum, um ativista político brasileiro, dirigente do PCB (Partido Comunista Brasileiro), fica evidente o quanto ele não desejava ser equiparado aos presos ditos comuns e como parece ser impossível vislumbrar um futuro diferente desse destino já predeterminado para essas pessoas.

Para mim, aqueles presos **eram todos irrecuperáveis**, mergulhados na lama abjeta da depravação, até aos cabelos. Para eles somente havia dois mundos, os que conheciam: o dos “otários”, as pessoas que tinham algo que eles queriam e não compreendiam por que lhes fosse proibido tomá-lo; e o deles, o livre da depravação, onde a liberdade não tinha limites. Habitavam-se de tal modo à prisão que muitos deles quase não conheciam outra vida. Para além desse conceito de vida, nada mais existia. Como no mundo pode sobreviver uma sociedade que produz tais frutos? Mesmo eu, que já

havia convivido com toda espécie de ladrões e marginais, estava chocado. (BASBAUM, 1978, P.135)

De acordo com Oliveira, a construção de uma imagem de superioridade em torno de suas condições de presos políticos se deve ao fato de se considerarem “heróis nacionais, revolucionários, exemplos de militância e de humanidade” (OLIVEIRA, 2018, p.76). O completo oposto dos presos por crimes ditos comuns, que foram levados por quaisquer outros motivos que não suas convicções orientadas pela militância por um mundo melhor, sendo, por fim, denunciados como fruto de degeneração social e moral. A historiadora demonstra como Basbaum, em sua escrita, generaliza os homens presos por motivos não políticos, estabelecendo uma equivalência entre “ladrões, vagabundos, bêbados, pederastas e débeis mentais”, nomeando-os como “escória da humanidade”. A autora consegue, então, revelar o quão hipócrita é essa militância por um “mundo melhor”, já que esses movimentos políticos no presídio são excludentes e não conseguem olhar para além do que está sendo apresentado na superfície.

Para o preso político, que tem como motivo de seu encarceramento a prática política injustamente criminalizada, não existe possibilidade de compreender o indivíduo que comete um crime senão pelas suas falhas de caráter ou pela sua natureza humana inferior, o que demonstra ironicamente que aqueles homens que tinham a política como centro das suas vidas possuíam uma profunda dificuldade de compreender as implicações políticas e sociais relacionadas à criminalidade. (OLIVEIRA, 2018, P.80)

Em contrapartida a esta posição, tomada por alguns militantes, na escrita de Graciliano, vemos que esse etiquetamento de preso político para ele não é motivo de orgulho, mas de vergonha, por ser visto como um intelectual, distinto dos outros que estão ali. Quando se põe a escrever, fica clara a imagem construída, diante do comportamento daquele corpo, de um “intelectual”, distinguindo-o da massa de corpos que o circundava. Devido a esse fato, recebia tratamento diferenciado, o que o fez pensar em parar de escrever. Como é relatado no trecho a seguir, após o episódio em que recebe a oportunidade de ocupar o camarote do padeiro:

Penalizavam-me em excesso as pobres mulheres, atormentava-me ver Maria Joana, tão viva e tão fresca, estiolar-se no retiro e no mormaço. Comparado à fumaça delas, o camarote do padeiro

significava luxo e ostentação. **Afligia-me ocupá-lo, sentar-me em cadeira, firmar os cotovelos em mesa, quando a alguns passos homens acabrunhados vergavam sobre malotes e trouxas.** Envergonhava-me. Talvez essa vergonha fosse um pretexto para esquivar-me, abandonar o lápis e o papel. (RAMOS, 1953, P.174)

As memórias de Graciliano começaram a ser escritas somente no ano de 1946, sendo publicadas postumamente em 1953. Faltando apenas um capítulo para a finalização, o livro foi publicado incompleto, mas com uma explicação final, escrita pelo seu filho, Ricardo Ramos, sobre o que viria a ser seu último capítulo, baseando-se em conversas e lembranças de pessoas próximas a ele. Ricardo, como resposta ao questionamento sobre as pretensões do pai com o referido capítulo, responde: “Sensações da liberdade. A saída, uns restos de prisão a acompanhá-lo em ruas quase estranhas”. Marcado pela perspectiva de uma prisão política, a obra em questão tornou-se uma grande referência na literatura do cárcere, e, mais especificamente, na questão do corpo encarcerado e suas sensações.

A construção da materialização de suas impressões sobre o cárcere teve como fundamento a “libertação” de suas notas tomadas enquanto esteve sob custódia desse regime marcado por uma repressão violenta. Ponho “libertação” entre aspas, pois o ato que o levou a livrar-se destas notas não veio de sua livre e espontânea vontade, como diz logo no primeiro capítulo do livro, “num momento de aperto fui obrigado a atirá-los na água.” (RAMOS, 1976, p.36). Isso significa que sua escrita deu-se a partir de um processo de regurgitar imagens, memórias e sensações, alimentando o presente com suas *impressões* do passado.

Segundo Graciliano, a privação desse material foi algo benéfico, pois se tais notas ainda existissem ele se veria preso à consultá-las, visando relatar com exatidão aquilo que fora escrito antes. A partir disso, já é possível constatar a primeira marca de uma busca por liberdade² e compreender que sua escrita baseou-se naquelas sensações que permaneceram em sua memória, “conservaram-se, cresceram, associaram-se” (RAMOS, 1953, p.36). Ao destacar

² De acordo com Graciliano, “Liberdade completa ninguém desfruta: começamos oprimidos pela sintaxe e acabamos às voltas com a delegacia de ordem política e social, mas, nos estreitos limites a que nos coagem a gramática e a lei, ainda nos podemos mexer.” (RAMOS, p.8). Assim podemos constatar que apesar da escrita ser um lugar de experimentar a liberdade da mente, ainda assim existem prisões das quais não podemos fugir.

sua posição de vantagem em relação aos colegas que produziram obras valiosas sobre o ocorrido, afirma:

Tenho exercido vários ofícios, esqueci todos, e assim posso mover-me sem nenhum constrangimento. Não me agarram métodos, **nada me força a exames vagarosos**. Por outro lado, não me obrigo a reduzir um panorama, sujeitá-lo a dimensões regulares, atender ao paginador e ao horário do passageiro do bonde. Posso andar para a direita e para a esquerda como um vagabundo, deter-me em longas paradas, saltar passagens desprovidas de interesse, passear, correr, voltar a lugares conhecidos. (RAMOS, 1953, P.35)

Ele revisita esse passado distante levado pelo desejo de contar o que se passou, que deixou marcas profundas em seu corpo e em sua memória. A pergunta que me faço é: como foi possível descrever tão minuciosamente certos detalhes? Mas a grande questão, como foi esclarecido acima, é que ele se libertou do peso de ser fidedigno à realidade e em vários momentos fala sobre a confusão em suas lembranças, dando margem à criação, ao inventar da memória.

A sua visão não é completamente nítida, mas a minúcia de detalhes desnuda um aspecto observador de sua personalidade, o que se revela como fonte para suas criações romanescas. Por conta disso, *Memórias do Cárcere* pode ser visto como uma ficção autobiográfica, já que nele existe um emaranhamento entre o que suas memórias julgam ser verdade e aquilo que seria completamente fiel à realidade.

Wander Melo Miranda (1992), crítico que se debruçou sobre essa questão, discorre sobre como a obra de Graciliano revela um jogo neste ato de evocar a memória, que se dá através da escrita por meio da invenção ficcional e da autobiografia. Ele expõe, também, o que significa o constrangimento de Graciliano em falar na primeira pessoa e quais os resultados, expressados em sua escrita, desse desejo de obliterar o eu para dar espaço a uma dimensão coletiva da experiência:

A articulação do individual com o coletivo realizada por Graciliano, a partir da rememoração da sua experiência carcerária tornada linguagem, resulta num texto que demonstra em que medida vicissitudes pessoais e eventos históricos-políticos se correlacionam indissoluvelmente. (MIRANDA, 1992, P.95)

Portanto, Graciliano, através de uma escrita descritiva, carregada de detalhes que nos levam a quase sentir na pele tudo o que aqueles corpos

vivenciaram juntos, consegue expor o desconforto deplorável, a humilhação e as condições desumanas a que estavam submetidos. Dessa forma, retira a sua experiência individual do centro da sua narração e a constroi de mãos dadas com o que se passa no seu exterior.

Na porta, embalava-me nesta afirmação, a vista baça a espalhar-se no conjunto indeciso, evitando minúcias. Ingressando na fila, esse desgraçado recurso me fugia, o exame impunha-se. Caras macilentas, o suor a escorrer nas barbas crescidas; magrém e sujeira, chagas negras medonhas produzidas pela mucurana; fadiga, nudez mal disfarçada em trapos imundos; gestos de impaciência, inúteis pedidos silenciosos. As pessoas agachadas contorciam-se em longos tenesmos, retardavam-se arfando; limpavam-se em farrapos, lenços, fraldas de camisas, erguiam-se exaustas, e ao cabo de minutos várias iam de novo contrair-se numa cauda de fila. Passariam a noite a arrastar-se na viagem de alguns metros, nas horríveis estações. Os sucessivos jatos de água lavavam as nádegas. Apesar disso, havia filetes de sangue às margens das latrinas, coágulos de sangue. (RAMOS, 2020, P.511)

Ao materializar as vidas presentes naqueles corpos que o acompanhavam, tendo sua atenção voltada para a observação dos mesmos, registra uma forma de resistência em relação à tentativa de apagamento daqueles que não têm direito a voz. O seu sofrimento não é único, o seu grito interno encontra outros e persiste em resistir através do relato por escrito, não poupando as atrocidades que seus olhos puderam testemunhar. Sob essa perspectiva, percebe-se que Graciliano, em sua escrita, evoca a dureza da realidade, como afirma José Lins do Rego, em 1953, em sua coluna no GLOBO sobre literatura:

O romance de Graciliano Ramos é uma desidratação da carne. **Tudo neste homem é nervo exposto**, é a agonia de um tempo em liquidação (...) Para ele só existiu a pedra dura onde os seus restos de carne sangrariam. Mas como grita a sua dor que queria falar baixo, como nos comunica uma vontade de fim de uma criatura, que nada queria nem de Deus e nem dos homens.³

Seu objetivo, como escritor, era retirar o leitor de um lugar tranquilo, colocá-lo de frente aquilo que é impossível não gerar algum desconforto, incitando ao inconformismo. Logo no início do livro, ao refletir sobre os empecilhos que o impediram até então de escrever suas memórias, Graciliano evidencia a

3

<https://acervo.oglobo.globo.com/em-destaque/autor-de-vidas-secas-graciliano-ramos-foi-presopor-vargas-na-ilha-grande-22474867>

impossibilidade de refestelar-se, ou seja, expõe o lugar ativo que o escritor ocupa na luta contra as opressões e na denúncia das mesmas, trazendo a tona as asperezas da vida, sendo “inútil negá-las, contorná-las, envolvê-las em gaze” (RAMOS, 1953, P.34). É preciso dizê-las, nuas e cruas, tal qual o são.

No decorrer do livro, em relação às sensações que o atravessam, relata uma transformação em seu corpo, a repugnância diante da comida, a consequente fraqueza advinda dessa condição, as humilhações pelas quais se vê obrigado a passar o levam a crer na perda da sua dignidade e o metamorfoseiam em uma espécie sub-humana, em bicho. Ele expõe esse sentimento repetidas vezes, pois foram inúmeras as situações que o fizeram sentir-se assim, o objetivo daquele ambiente era esse. No trecho a seguir, no qual relata sobre um momento em que a “ração”, como ele chama, é distribuída, se mostra incrédulo do apetite dos outros detentos e acredita que um dia poderá dessensibilizar-se da mesma maneira, habituar-se àquilo tudo.

Em redor de mim tudo se consumira, e obstinava-me a chupar o cigarro, olhando a infame ração. Na farinha escura havia excremento de rato. Apesar da náusea, parecia-me necessário comer, retardar a previsão do guarda zarolho. **Chegaria afinal a habituar-me, como os outros, conseguiria vencer o enorme enjoo, matar a sensibilidade.** (...) Compreendeu-me a renúncia muda, agarrou ávido o prato, deixou-o limpo num instante. A educação desaparecera completamente, sumiam-se os últimos resquícios de compostura, e os infelizes procediam como selvagens. Na verdade éramos selvagens. (RAMOS, 1953, p.506)

O que provoca essa punição que visa à desumanização e à degradação de uma pessoa? De acordo com Graciliano, a prisão produz uma “quebra de vontade”, a leitura e a escrita, por exemplo, tornam-se tarefas difíceis; o escritor sente sua memória se esvaindo, suas lembranças confusas, sentia-se burro e cada vez mais afastado da realidade. Buscava pensamentos externos àquele ambiente para tirá-lo dali, mas as minúcias ao seu redor prendiam o seu olhar e apesar de querer evitá-las, não conseguia fugir da observação.

Ao pensar sobre o futuro, não consegue imaginar alguma produtividade em sua vida, é como se a prisão tornasse seu corpo vazio, inútil, como se nunca mais fosse se adaptar a viver em sociedade novamente. Entretanto, não deixou de tomar notas e de escrever cartas, seu corpo procurou resistir através desse

comportamento, ele sabia que não podia deixar de relatar tudo o que acontecia e era preciso ocupar-se de alguma forma, existir em outra realidade que não fosse aquela em que seu corpo estava inserido.

(...) as minhas observações no lugar infame não valeriam nada. Mas a sujeira imensa, a disenteria, a falta de água, um milheiro de homens a apertar-se num curral de arame não me deixavam sossegar. **Aquilo merecia ser visto, pelo menos serviria para indicar a nossa resistência,** de algum modo fortalecer-nos. Havia nesse desejo mórbido quase um desafio aos maus-tratos, às humilhações, e se de repente nos largassem na rua, nem sei se me consideraria em liberdade ou vítima de um logro. (RAMOS, 1953, P.439)

Portanto, a resistência de Graciliano se deu a partir da escrita. O corpo em si não se envolve em atos de revolta, se mantém inerte em meio aos pensamentos e observações. Ele se deixa ser agarrado, mas continua resistindo internamente. A sua arma, seu instrumento de ação, é a palavra; sua revolução se dava por meio da literatura. Acreditava que por meio dela poderia “provocar nova justiça inquisitorial, perturbar acusadores, exhibir em tudo aquilo embustes e patifarias.” (RAMOS, 1953, p.51).

Dentre alguns dos males que ele suporta sem se revoltar, temos o episódio das cuecas que recebe “duras como pau”; ao resignar-se diante disso decide escrever, como fuga da situação, entretanto sem fluidez alguma, já que o desinteresse tem tomado conta de seu corpo, como se estivesse anestesiado diante do que lhe acontecia. Embora os materiais estivessem se desgastando e os lápis se quebrando, ele recorria a canivetes, mas mesmo assim acreditava que das notas que estavam sendo tomadas, nada de útil surgiria. Acreditava que havia “chumbo” em sua cabeça, via como aquele ambiente interferia diretamente na sua decisão de escrever um diário.

A sua escrita, que antes já era um processo lento e difícil, agora parecia quase impossível, sentia-se “indiferente e murcho, incapaz de vencer a preguiça enorme subitamente aparecida” (RAMOS, 2020, p.84). Apesar disso, são descritos também alguns momentos em que deixou sua mente ser transportada por elementos que lhe trouxeram uma rápida sensação de alívio, como acontece no momento a seguir:

Afinal, depois de muitos zigue-zagues nas duas salas, refugiei-me num vão de porta, busquei distrair-me olhando o pátio, jogando miolo de pão às aves residentes na árvore próxima. Eram pardais sem conta e devoravam tudo com rapidez enorme. Algum tempo isolei-me; o rumor das asas, os chilros e o verde-claro dos ramos na manhã luminosa acalmaram-me. Vencidas as ideias malucas, resolvi descansar na esteira, decifrar a conversa dos operários, mas não consigo lembrar-me do que eles diziam. Os pardais tinham-me dado uma tranquilidade aparente. (RAMOS, 2020, p. 441)

Permitir-se embrenhar em tal sensação seria talvez uma tentativa de sensação de liberdade, de buscar outras formas de resistência, sentir alívio e ser tocado pela beleza que seus olhos puderam alcançar em meio a um contexto repleto de motivos para desistir de tal tentativa. Os seus pensamentos eram um refúgio, por isso se colocar no lugar de observador foi uma ferramenta para sua sobrevivência. Essa posição também rendeu a sua escrita um resgate a personalização de algumas figuras que se destacaram diante de seus olhos e, a partir disso, uma reflexão em torno das marcas visíveis e invisíveis que o cárcere deixa sobre os corpos. O episódio em que repara em uma tatuagem no braço de um homem é capaz de exemplificar esse fato:

Aí se percebia, tatuado, um esqueleto, ruína de esqueleto: crânio, costelas, braços, espinha; medonha cicatriz, no pulso, havia comido a parte inferior da carcaça. Desejando livrar-se do estigma, o pobre causticara inutilmente a pele; sofrera dores horríveis e apenas eliminara pedaços da lúgubre figura. Não conseguiria iludir-se, voltar a ser pessoa comum. Os restos da infame tatuagem, a marca da ferida, iriam persegui-lo sempre; a fatiota desbotada conservava o sinal da tinta. Era-me impossível desviar os olhos da representação fúnebre. Em vão queria distrair-me. Tinha pena do infeliz e zangava-me. Para que fizera aquilo? (RAMOS, 2020, P.202)

Percebe-se como a atenção de Graciliano está direcionada aos corpos que estão ali presentes, sendo impossível, em certos momentos, pensar em qualquer outra coisa que não aquilo que o penetrou profundamente naquele momento, tanto que esse episódio da tatuagem é citado outras vezes no livro, comprovando o quanto ficou marcado em sua memória, faz parte do seu corpo, sempre retornando para lembrar o horror que sentiu. É possível interpretar, também, como essa tatuagem pode ser lida para além dessa marca visível deixada no corpo desse homem, pois em todos os corpos ali presentes existirá uma tatuagem invisível da qual nunca poderão se livrar. As memórias do tempo em que estiveram presos, o

estigma que carregarão quando retornarem a viver em sociedade, são marcas que permanecem no corpo e nunca poderão ser apagadas, são, como disse Graciliano, “estigma indelével, tatuagem na alma”.

Outro ponto que merece destaque é em relação a como os corpos diante da sua visão, que em muitos momentos se vê turva e embaçada, se fundem uns nos outros, como se não fosse mais possível reparar nas singularidades que os distinguem, como se se tornassem um único corpo, reforçando a ideia de como a prisão funciona despersonalizando as pessoas a partir da submissão do corpo. Quando se depara com a imagem daqueles corpos questiona-se se o seu corpo não estaria parecido com os outros.

Sorriam, descobrindo as gengivas pálidas. O esqueleto que o moço da rouparia tinha no punho voltou-me ao espírito. Os ácidos não haviam desfeito a medonha tatuagem. Por cima da cicatriz que repuxava a pele e se estendia num desenho róseo, sobressaíam costelas, vértebras, o riso da caveira. As figuras estranhas apinhadas ali riam. Riam para mim, como se eu fosse uma carcaça também. Quantos meses fazia que tinham vivido comigo no Pavilhão dos Primários? Dois meses. Era dois meses, pouco mais ou menos. E estavam assim. Talvez ignorassem que estavam assim. Estremeci. **Não me acharia daquele jeito?** Olhei o pijama curto e rasgado. Ultimamente dormia pouco, alimentava-me com dificuldade. Extingui a comparação desagradável. Farrapos. Regressavam da Colônia, farrapos. Iriam reconstituir-se, renascer, mas ali eram farrapos. (RAMOS, 2020, p.434)

A escrita de Graciliano, portanto, revela-se como de extrema importância para entender a relação corpo e prisão. Fica evidente como ele usa da escrita como ferramenta para descrever os processos pelos quais viu outros corpos passarem, assim como o seu, todos ali transformados em bicho, presenciaram o pior lado do ser humano. Consegue revelar não só o que se passou dentro da prisão, como também o íntimo do corpo, aquilo que não se revelaria a mais ninguém, para os olhos daqueles que se encontram no exterior da prisão. Dessa forma, compartilha as marcas e as memórias que conservaram-se em seu corpo para aqueles que se dispõem a lê-lo.

É possível analisar como essa experiência se expandiu para além da escrita de suas memórias, comprovando o quanto seu corpo fora transformado por ela, quando identificamos algumas semelhanças da sua história sendo expressadas através de personagens nos romances que escreveu após ter passado por essa

experiência. Através do livro *Vidas Secas*, publicado em 1938, ou seja, um ano depois de ter sido solto, podemos fazer algumas comparações entre o personagem Fabiano e o autor Graciliano.

No segundo capítulo do livro, em que Fabiano é preso sem compreender o motivo, o narrador relata que nesse momento ele não se defende, assim como Graciliano, que desde o início aceita a perseguição que está sofrendo, aceita a sua condição de preso e quando se vê diante das injustiças relata que no momento nem pensava nisso. Existe um “conformismo”, na verdade mascarado, pois seria uma espécie de resistência não reativa, em comum nas ações dos dois. Este, ao ser expressado por Fabiano, vemos que “acostumara-se a todas essas violências, a todas as injustiças”, o lugar em que se encontrava, o modo como estava sendo tratado, eram completamente normais, considerava-se bicho, sabia disso e tinha orgulho, pois dessa forma seria “capaz de vencer as dificuldades”, ou seja, suportar e habituar-se às condições.

Graciliano, no início de *Memórias do Cárcere*, expõe um pensamento que teve sobre a possibilidade de habituar-se à condição precária do ambiente carcerário, como seria esperado de um bicho, imaginando que em algum momento toda aquela situação poderia ficar um pouco mais amena, que a comida, por exemplo, não lhe provocaria mais tanto desgosto. Em contraposição, vemos que já na segunda metade do livro, relata o quanto seria impossível habituar-se àquilo, ele se recusa. O ponto alto desse pensamento se dá quando pela primeira vez se vê no espelho e pôde enfim ver a imagem da transformação de seu corpo. “Que vagabundo monstruoso!”, ele exclama sobre si mesmo.

Estava medonho. Magro, barbado, covas no rosto cheio de pregas, os olhos duros encovados. Demorei-me um pouco diante do espelho. Não podia ver-me na Colônia, de nenhum modo avaliava os estragos, a medonha devastação. (RAMOS, 2020, p. 636)

Ao contrário de Fabiano, Graciliano demonstra não se dar bem com a ignorância, ser um “bicho, faminto, surdo, mudo” o envergonhavam. Essa era a condição na qual a prisão o havia transformado, essa brutalidade, essa selvageria de viver como bicho não eram comuns a Graciliano. Fabiano já estava habituado, aceitava as condições impostas facilmente, ia-se adaptando, talvez Graciliano

desejasse desfrutar dessa ignorância, para que aquela condição na qual se encontrava não te afetasse tanto a dignidade.

Portava-me como selvagem, mastigava sem descontinuar e envergonhava-me de estar causando impressão deplorável. Minutos antes as maçãs e os biscoitos provocavam-me repugnância. A esquisita avidez viera de golpe. Esforçava-me por adivinhar a causa dela, e isto era o único sinal de inteligência que ainda havia em mim. Bicho faminto, surdo, mudo. (RAMOS, 2020, P.637)

Outro ponto em comum com Fabiano seria essa falta de habilidade em falar, em se expressar e organizar suas ideias. Graciliano relata diversas vezes como seus pensamentos estão desordenados e que seria preciso disciplina para pô-los em ordem, escrevê-los, e por mais que fosse pessoa com domínio da norma culta portuguesa, demonstra que suas habilidades de comunicação estavam se esvaindo lá dentro. Fabiano, por sua vez, não sabe “falar direito”, por ser uma pessoa mais humilde que ocupa um lugar social diferente de Graciliano.

A narração que mistura presente e passado também é uma marca em comum em ambas as obras, determinando, assim, uma característica específica desse momento de rememorar um acontecimento enquanto está vivendo algo capaz de despertar essa chama da lembrança. Por exemplo, quando Graciliano embarca no navio que está levando-o para o pavilhão dos primários, sua mente transporta seu corpo para uma lembrança do passado, fazendo-o lembrar de uma viagem que fez com sua esposa. Fabiano passa por situação parecida, quando se depara com a escuridão, pensa naqueles que necessitam dos seus cuidados, e por um instante em meio aos devaneios e confusões da mente, cria a imagem da sua mulher e filhos naquele lugar, junto com ele, se misturando na fumaça.

O lampião da esquina se apagara, provavelmente o homem da escada só botara nele meio quarteirão de querosene. Pobre de sinha Vitória, cheia de cuidados, na escuridão. Os meninos sentados perto do lume, a panela chiando na trempe de pedras, Baleia atenta, o candeeiro de folha pendurado na ponta de uma vara que saía da parede. Estava tão cansado, tão machucado, que ia quase adormecendo no meio daquela desgraça. Havia ali um bêbedo tresvariando em voz alta e alguns homens agachados em redor de um fogo que enchia o cárcere de fumaça. (...) A mulher e os meninos aguentando fumaça nos olhos.

Acordou sobressaltado. Pois não estava misturando as pessoas, desatinando? (...) (RAMOS, 2020, P.29)

O personagem Fabiano, apesar de ficar na cadeia por apenas uma noite, representa aquelas pessoas que, no geral, não conseguem se defender, nunca tiveram a oportunidade de estar em uma escola e, por conta disso, tornam-se alvo de uma política que mira justamente nesses corpos, sem consciência de seus direitos, que estão nas margens da sociedade. Graciliano fica na cadeia por quase um ano, apesar de fazer parte dessa parcela de pessoas com maior acesso à possibilidade de comprovar sua inocência, ou de driblar esse sistema de punição, como também maiores chances de recomeçar sua vida, com novas oportunidades, por exemplo, já que não ficam estigmatizados. Ao conquistar sua liberdade, recebe um pedido de desculpas do próprio Vargas, que reconheceu a injustiça de sua prisão, oferecendo-lhe emprego público e, em 1942, recebe uma homenagem, em virtude do seu aniversário de 50 anos, no restaurante Lido, em Copacabana. Portanto, evidencia-se ainda mais as vantagens de se ser um intelectual dentro da sociedade, recebendo tratamento diferenciado.

Para uma análise mais profunda em torno dessa questão, é necessário compreender que política é essa que seleciona os corpos que estarão mais propensos a estarem na mira da violência policial, com maior porcentagem de mortes e também como maioria entre as vítimas do cárcere. A pesquisa citada anteriormente, a respeito do aspecto quantitativo da seletividade do sistema penal, presente no trabalho da advogada Ana Flauzina (2006), intitulado *Corpo Negro caído no chão: O sistema penal e o projeto genocida do Estado brasileiro*, foi a minha principal fonte para uma maior compreensão a respeito do tema.

Em primeiro lugar, é preciso dizer que no relato de Graciliano não há uma criticidade em torno do corpo enquanto *carne*, no que concerne a cor da pele dos sujeitos presos, ele não indaga, por exemplo, o porquê de haverem tantos corpos negros presos por crimes comuns enquanto os brancos majoritariamente como presos políticos. Na pesquisa de Flauzina, compreende-se como, no decorrer dos anos, com o fim da escravidão e as transformações do sistema penal, aqueles que detêm o poder encontraram novas formas de manter os corpos negros sob vigilância, para que continuassem sob o controle e domínio daqueles que eram considerados seus donos. Dessa forma, submetendo-os ao medo constante de

serem mortos ou presos, visto que as forças policiais são os braços por meio do qual o Estado põe em prática essa necropolítica⁴ de chacina da população negra, utilizando métodos violentos em operações contra o tráfico de drogas ou por quaisquer outros motivos dentro das áreas onde essa população, em sua maioria, vive.

Para desmascarar os métodos utilizados pelo sistema penal objetivando manter o corpo negro no lugar onde sempre esteve desde a colonização, Flauzina aponta para esse novo olhar da criminologia crítica, em contraposição à criminologia tradicional, por meio dela, novas perguntas são formuladas:

(...) ao invés de indagar, como a Criminologia tradicional, 'quem é criminoso?', 'por que é que o criminoso comete crime?' o labelling passa a indagar 'quem é definido como desviante?', 'por que determinados indivíduos são definidos como tais?', 'em que condições um indivíduo pode se tornar objeto de uma definição?', 'que efeito decorre desta definição sobre o indivíduo?' 'quem define quem?' e, enfim, com base em que leis sociais se distribui e concentra o poder de definição? (ANDRADE citada por FLAUZINA, 2006, p.21)

No encontro com a necessidade de expor mais a fundo o funcionamento do sistema penal, a criminologia crítica sucede o paradigma da reação social, também conhecido como labelling. Este buscou analisar como as relações sociais são moldadas de acordo com os etiquetamentos, os estereótipos, já existentes na sociedade, basicamente expõe como o racismo é um elemento estrutural da nossa sociedade, que se dá desde as pequenas relações do dia a dia até por meio das agências de poder que controlam o sistema penal. Por isso, através das pesquisas ficou evidente como o sistema penal age por meio da impunidade direcionada a certos corpos, que carregam o etiquetamento de vítima, geralmente brancos, enquanto age, concomitantemente, por meio da criminalização dos outros corpos, geralmente negros e pardos, que carregam o etiquetamento de agressores e criminosos.

Esse estudo dentro da área da criminologia se revela como um empreendimento que precederá grandes mudanças, visto que evidencia a existência de uma política de encarceramento e chacina da população negra e

⁴ Conceito criado pelo filósofo Achille Mbembe que determina o poder de ditar quem deve viver e quem deve morrer.

pobre dentro do Brasil, com uma estrutura muito bem organizada para funcionar como bem desejam aqueles que se encontram no poder e lá desejam permanecer. Por conseguinte, é certo afirmar, então, que toda prisão é política, já que todo corpo preso é vítima, em princípio, de uma “falha” do Estado na garantia de uma vida digna e na proteção dos indivíduos. Entretanto, sobre essa distinção, existem controvérsias, como é revelado no trecho a seguir:

Há autores que defendem que todo crime seria um crime político – logo, todo preso seria um preso político – no sentido de que qualquer crime é uma violação das leis criminais, que derivam de um processo político e servem como instrumento de defesa de um certo sistema de valores. Porém, a maior parte dos criminologistas se distancia desta perspectiva, acreditando que existem distinções entre os crimes políticos e os crimes ordinários no que concerne às suas diferentes motivações, formas e contextos de ocorrência (Hillyard, 2001, P.211-212).

Por fim, a escolha por abordar a obra de Graciliano sobre sua experiência no cárcere se deve à sua posição de não distanciamento em relação aos demais presos, entendendo que não deveria receber tratamento diferente e se colocando contra esta distinção político/comum. Isso se revela na sua escrita a partir do momento em que torna coletiva a sua experiência individual, expondo através das suas memórias o que atravessou o(s) corpo(s) durante sua passagem na cadeia.

Apesar da sua tentativa de obliteração do eu para narrar o que se passou naquele período em que esteve preso, as marcas da sua subjetividade são inevitáveis. Assim, podemos entender que existe um abismo enorme entre a percepção do cárcere por uma pessoa branca e intelectual e a percepção de uma pessoa negra seja ela uma “intelectual” ou não.

Como vimos, a quantidade de pessoas presas por crimes comuns é predominantemente negra e, diante disso, acredita-se que esses indivíduos estão mais propensos a cometer crimes, ou, em contraposição, revela a existência de uma grande engrenagem funcionando a favor da criminalização desses corpos. Por conta disso, analisar as literaturas produzidas pelas diferentes subjetividades, que foram atravessadas pela experiência do cárcere, permite compreender em que pontos há intersecções entre essas narrativas e também em que ponto elas se contrapõem.

No capítulo seguinte, será apresentado a obra de uma mulher cujo corpo é marcado pela subjetividade de uma pessoa negra e pobre, com um olhar crítico em torno do estereótipo construído sobre os corpos negros dentro da sociedade e os lugares que lhes foram destinados dentro da mesma.

Capítulo 2 - Corpos femininos no cárcere: Preta Ferreira

Eu sou aquela que eles chamam de perigo para a sociedade.
Sou mulher, negra, lutadora, aquela que vive
em uma sociedade machista e racista.
Da família, eu sou arrimo, mas eles dizem que meu lugar é na
cozinha.
No meu seio, trago alimento, e eles dizem que
mulher no volante é perigo constante.
Sei presidir, dirigir e, com meus beijos, curo machucados.
E eles ainda dizem que sou sexo frágil.
Dentro de mim, crio vida, e, quando ela
nasce, é a mim que ela conhece.
No meu nome tem amor.
Pode me chamar de mãe, mas antes me chame de mulher.
Por amor, suporto qualquer tipo de dor.
Sou Franco, Ferreira, da Penha.
Se você aguentar, venha. (FERREIRA, 2020, P.160)

Na procura por entender como se dá a criação da subjetividade pelo corpo, optei pelos estudos da fenomenologia da percepção de Merleau-Ponty (1945). Seguindo a linha de pensamento do filósofo francês, compreende-se a relação intrínseca presente entre a construção do sujeito e o ambiente, ou seja, entre o interno e o externo. Ele defende que é por meio do corpo que essa relação acontece, por isso a figura do sujeito é indissociável de seu corpo e toda a percepção/sensação a qual será/está exposto molda a sua compreensão do mundo. O corpo, então, é visto como indissociável da sua interioridade, ele é uma expressão da mesma, negando a ideia de uma consciência como interioridade pura para defender a ideia de uma *consciência encarnada* que se *presentifica no mundo pelo corpo*. Sobre esse conceito pontyano de consciência encarnada, o pesquisador Éder Corrêa (2016) afirma:

O homem existe como ser-no-mundo pelo corpo; não é alguém que se encontra objetivamente como simples coisa no meio do mundo, nem uma consciência encerrada na sua interioridade. Realiza-se como para si – como consciência e liberdade – no ato de sair de si e estar junto das coisas em relação com o mundo e com os outros homens. Como abertura e presença, afirma-se como sujeito que tem o mundo como destinação do seu ser. Ele é, em sentido forte, “un sujet voué au monde”, um sujeito que tem no mundo sua destinação. (CORRÊA, 2016, p.2-3)

Com isso, ele ressalta que para Merleau-Ponty essa definição do ser humano pelo comportamento revela como os “atos expressivos do ser humano, constitutivos dos sentidos, constituem igualmente seu próprio ser, que se realiza no intercâmbio com o mundo pela ação e pela palavra.” (CORRÊA, 2016, p.2). Portanto, o indivíduo consegue materializar sua compreensão do mundo por meio da “linguagem da carne”, sendo esta uma “tradução” da interioridade daquele corpo, na qual pode-se entender e conceituar os fenômenos que compreendem a sua experiência. Esse processo torna evidente as particularidades existentes entre diferentes sujeitos sobre como se definem no mundo, já que cada um deles sente, experiencia e interpreta as situações de uma maneira, criando uma narrativa dentro de si. Diante disso, podemos entender o corpo como uma narrativa em si próprio.

Éder Corrêa (2016) se debruça sobre esse tema em sua pesquisa intitulada *A arte encarnada no mundo: Merleau-Ponty e a literatura*, na qual estabelece uma relação entre a ideia de corpo como fenômeno defendida pelo filósofo em questão e a linguagem pela qual esse corpo expressa sua subjetividade por meio da literatura, ou seja, literalmente, a arte encarnada no mundo. Logo, a literatura torna-se um meio pelo qual é possível visualizar a percepção daquele que escreve, compará-la com diferentes autores que escreveram, por exemplo, sobre o mesmo tema ou a mesma situação, mas sob perspectivas diferentes.

Podemos dizer que a experiência é vivenciada de forma única por cada pessoa, já que ela sofre influência de vários fatores, sendo eles internos ou externos ao corpo. Dessa forma, ao final de sua pesquisa, Corrêa chega à conclusão de que existem múltiplas realidades, no mundo em que vivemos, muitos mundos coexistem:

Assim, a percepção é uma forma de construção de um espaço relacional. Portanto, o mundo não é tal qual se apresenta, mas, sim, como as pessoas o percebem e experienciam; é resultado da forma de interpretar o mundo e de expressar este entendimento, seja na linguagem ordinária, seja na linguagem literária, sob a influência de fatores históricos, socioculturais, situacionais, etc. (CORRÊA, 2016, p.8)

Para exemplificar essa questão, neste capítulo, irei abordar o livro *Minha Carne: diário de uma prisão* (2020), que foi escrito por Janice Ferreira da Silva, mais conhecida como Preta Ferreira, cuja experiência de resistência ao cárcere se assemelha a de Graciliano, já que ambos os corpos encontram na escrita um lugar

para experimentar a liberdade da mente. Entretanto, os olhos de Preta enxergam o mundo de forma diferente daquele visto e sentido por Graciliano, apesar de também apresentarem muitas sensações em comum, provenientes de terem seus corpos privados de liberdade. Por conseguinte, a escrita de Preta carrega a especificidade das experiências às quais a *sua carne*, o seu corpo enquanto mulher negra e periférica, experienciaram não só enquanto esteve na prisão, mas também fora dela. Isso expressa como o ser humano é ligado corporalmente ao mundo, portanto, segundo o pensamento pontyano, a reflexão fenomenológica caminha lado a lado com a apreensão perceptiva do mundo, sendo esta mediada pelo corpo. Por isso, a percepção de uma mulher negra em torno da experiência do cárcere carrega questões, sentidos e percepções que vão se dar por conta da especificidade dessa carne em questão. Quando questionada em entrevista à Brasil de Fato sobre o significado e a mensagem em torno do título *Minha Carne*, a autora responde:

Só quem pode retratar algo é quem está sentindo. Então retrato em *Minha Carne* tudo o que o povo preto sente, tudo o que o povo preto passa, tudo o que vivem essas mulheres que cruzaram meu caminho. Descrevo *Minha carne* com o que eu senti, com o que eu vivi, é a minha carne. Quando eu falo pessoas pretas livres é sobre isso, sobre essa carne, sobre esse povo, sobre essa população morta e perseguida. O povo preto, o povo indígena. O que sinto em *Minha Carne* estou desenhando para que pessoas que não tem a possibilidade de sentir isso pela cor de sua pele, para que pessoas brancas que não vão sentir isso, entendam. Para que elas saibam como é sentir isso na carne todos os dias.⁵

Dentre os pontos levantados por ela no livro, um deles é sobre a quantidade de corpos negros ocupando o pavilhão, lugar destinado às presas sem diploma de curso superior, com condições muito mais precárias em comparação às celas especiais, onde ficam as presas com o dito diploma, em quantidade muito menor e majoritariamente brancas.

Hoje me peguei observando a quantidade de mulheres negras na cela especial. Por incrível que pareça, somos em três; antes da minha chegada, era só uma, a Ana. Após uma semana da minha chegada, veio Ednalva. Já no pavilhão, **a massa das negras é como se fosse um navio negreiro**, eles jogam todas juntas, amontoadas, e ainda tentam fazer com que nos olhem feio ou achem

5

<https://www.brasildefato.com.br/2021/01/24/minha-carne-e-um-grito-de-liberdade-diz-pretta-ferreira-so-bre-lancamento-de-livro>

ruim e estranho estarmos sendo separadas, fazendo parecer que somos melhores que elas. É o que eles nos fazem passar: na inclusão logo gritam “especial” e falam seu nome. Até a hora que isso dá em tragédia. A questão é que estudamos e conseguimos burlar o sistema falido e opressor. (FERREIRA, 2020, P.66)

Visando compreender o porquê das prisões terem uma porcentagem tão grande de pessoas negras, a pesquisadora Juliana Borges (2019) em seu livro *Encarceramento em massa*, aborda que para entender e discutir os efeitos do racismo e sua articulação com o sistema de justiça criminal é preciso, primeiramente, entender o racismo como ideologia fundante da sociedade brasileira. Sabendo que a história da nossa sociedade foi construída pela colonização e exploração de povos não-brancos, constata-se a existência da vinculação do corpo negro a uma mercadoria, um objeto de posse daqueles que estavam e ainda estão no poder, “objeto” esse submetido à práticas desumanas de controle e constante vigilância. Essas práticas foram e ainda são naturalizadas pelo imaginário social, estereotipando o corpo negro como referente a indivíduos violentos, selvagens e que deveriam ser domados pelo então chamado processo civilizatório, processo esse que, como a autora ressalta, seleciona quem tem o direito a qualidade de vida e quem não tem:

Esse poder sobre corpos negros é exercido em diversas esferas. Seja na total ausência de políticas cidadãs e de direitos, como falta de saneamento básico, saúde integral e empregos dignos; seja pelo caráter simbólico de representação do negro na sociedade como violento, lascivo e agressivo, alimentando medo e desconfiança e culminando em mortes simbólicas, pela aculturação, pela assimilação e pelo epistemicídio, até as mortes físicas, que se estabelecem por violência, torturas, encarceramento e mortes. (BORGES, 2019, P.41-42)

Com o fim da escravidão acompanhado de políticas que incentivaram a imigração europeia para o Brasil, buscando embranquecer o país, já que a maioria da população aqui era negra, vemos que não houve preocupação alguma essa parcela da população recém liberta, nenhuma iniciativa foi tomada para que a desigualdade social, econômica e cultural não continuasse tão alarmante. Muito pelo contrário, enquanto os imigrantes europeus recebiam lotes de terra e eram beneficiados de muitas maneiras, os negros continuaram sendo alvo de perseguição e subalternização, através de leis que proibiam suas práticas culturais, como a

capoeira, o samba, os batuques e as religiões, e, também, de leis como a da vadiagem. Isso comprova como o controle que se dava sobre esses corpos teve que se reorganizar para que continuassem sendo explorados e dominados, e a polícia foi uma das ferramentas principais para que isso acontecesse.

Com o crescimento das cidades, diversas são as ações tomadas no período objetivando o aumento da vigilância sobre os negros e pobres livres. A polícia ganha outros contornos e a vadiagem, embasada e definida por valores morais e raciais de que as “classes menos favorecidas” eram preguiçosas, corruptas e imorais, alimentavam o imaginário do que se entenderia como “crime” e da representação do sujeito que seria criminalizado, o “criminoso”. A capoeiragem, por exemplo, foi inserida no Código Penal Brasileiro, em 1890, intensificando ainda mais o controle social sobre negros. (BORGES, 2019, P.53)

Portanto, apesar da dita liberdade, esses corpos ainda estavam na mira de constante repressão, sendo excluídos da possibilidade de ascender economicamente e expressar sua cultura. Quem ditava o que era crime e o que não era detinha o poder de ditar quem é criminoso e quem não é, ou seja, aqueles que escreviam as leis mantinham relações intrínsecas com a ideologia do racismo. Como consequência, a imagem dos corpos daqueles que foram escravizados foi constantemente criminalizada, de forma a enraizar, no imaginário social, uma crença que justificasse toda a violência utilizada contra eles. Por isso, Borgers (2019) aponta como o fim da escravidão não deu fim à hierarquização racial, já que os preconceitos e ideias construídas em torno do corpo negro não poderiam simplesmente desaparecer como mágica. Isso fica evidente quando Preta, ao narrar o momento em que é presa, consegue enxergar traços de similaridade entre a organização dessa instituição com a organização da sociedade na época da escravidão:

Quando me deparei com aquela roupa, os olhares e o tratamento das “senhoras” sobre mim, desabei no choro. Não era tristeza, e sim revolta. Ódio em saber que não havia cometido crime, mas estava pagando. Aqui pensando, elas nos mandam abaixar a cabeça e chamá-las de senhora... Que espírito de senhoras feudais, ratos de uma escravidão que não acabou. (FERREIRA, 2020, P.42)

Por muito tempo essas narrativas - dos escravizados e das pessoas presas por esse sistema no pós escravidão - foram sufocadas, seja por não terem acesso a

escrita ou simplesmente porque suas histórias não recebiam relevância. No Brasil, não existem muitos documentos escritos em primeira pessoa de relatos sobre a escravidão, mas existe uma carta de 1770, redigida por uma mulher negra escravizada, chamada Esperança Garcia. Esta carta ganhou grande repercussão, sendo considerada o “primeiro habeas corpus do Brasil”, por reivindicar direitos e delatar as condições desumanas em que vivia.

Eu sou uma escrava de Vossa Senhoria da administração do Capitão Antônio Vieira do Couto, casada. Desde que o capitão lá foi administrar que me tirou da fazenda algodões, onde vivia com o meu marido, para ser cozinheira da sua casa, ainda nela passo muito mal.

A primeira é que há grandes trovoadas de pancadas em um filho meu sendo uma criança que lhe fez extrair sangue pela boca, em mim não posso explicar que sou um colchão de pancadas, tanto que cai uma vez do sobrado abaixo peiada; por misericórdia de Deus escapei.

A segunda estou eu e mais minhas parceiras por confessar há três anos.

E uma criança minha e duas mais por batizar. Peço a Vossa Senhoria pelo amor de Deus ponha aos olhos em mim ordinando digo mandar ao procurador que mande para a fazenda aonde me tirou para eu viver com meu marido e batizar minha filha."

Esperança Garcia⁶

Assim fica ainda mais evidente como esses atos de violência contra o corpo negro se davam - e ainda se dão - de forma tão naturalizada sob os olhos da lei, depois só encontraram outras formas de continuar se perpetuando. Os brancos que cometiam essas atrocidades não eram considerados violentos, eram o sinônimo da ideia de civilidade instaurada, por isso que, pelo poder que detinham, ditavam de forma depreciativa como os outros corpos deveriam ser caracterizados, desejando o silenciamento e apagamento dos mesmos. No desenrolar da história, em vista de benefício próprio, articularam políticas para que a exploração continuasse e tivessem cada vez mais riquezas em detrimento das classes mais baixas,

6

<https://www.oab.org.br/noticia/60795/leia-a-carta-de-esperanca-garcia-a-primeira-advogada-do-brasil>

contribuindo arduamente para o aumento da pobreza. Preta relata sobre isso em seu diário, por meio de uma poesia que escreveu:

(...) A nossa união em massa vale mais que a verdade dos mentirosos de colarinho.
Eles nos querem leigos para continuar usurpando o que é nosso.
Nos servem seus restos em bandeja de prata e, no fim, nos armam emboscadas propiciando suas altíssimas condições de vida.
Não posso aceitar que os cachorrões comam à mesa e os filhos dividam com os cachorrinhos as migalhas que caem no chão.
(...) (FERREIRA, 2020, p.41)

Apesar da tentativa de invisibilização dessa população, suas vozes prevaleceram e seus gritos ecoaram através de gerações que carregam em seus corpos sentimentos e sensações que constroem diversas narrativas, oriundas de um passado em comum não muito distante. Ao adentrarmos na escrita de Preta, é possível entender não apenas a realidade na qual está imersa, o mundo que seus olhos enxergam, a sua história individual, mas, também, a de muitos outros que vieram antes, que vivem no mesmo tempo que ela e que ainda virão a existir sob as mesmas condições enquanto o sistema insistir em funcionar pela via do racismo. Portanto, ler suas palavras é uma tarefa de extrema importância, já que é por meio da sua percepção de mundo que nos deparamos com a verdade encarnada na sua existência, visando, assim, ampliar a compreensão do mundo em que estamos inseridos. Como afirma Merleau-Ponty (2015, p.23), “a verdadeira filosofia é reaprender a ver o mundo, e nesse sentido uma história narrada pode significar o mundo com tanta ‘profundidade’ quanto um tratado de filosofia”.

Ao analisarmos a subjetividade de Preta, vemos que esta foi construída a partir de uma realidade que acomete a maioria dos brasileiros, marcada pela desigualdade social e pela falta de assistência do Estado. Sua família teve de lutar para sobreviver desde cedo; sua mãe, Carmen Silva, veio a São Paulo fugindo da violência doméstica e se envolveu com o Movimento por Moradia, somando-se à luta contra as negligências do Estado. Foi esse movimento o responsável pela mudança de perspectiva de Preta sobre a vida, ela que antes sonhava em tornar-se doméstica, aprendeu que podia sonhar mais alto. Trabalhou em dois empregos enquanto estudava e conseguiu seu diploma em publicidade.

Quando cheguei a São Paulo, achava que nunca estudaria em uma universidade. Aqui descobri o que era preconceito. Além de mulher preta, nordestina, eu era sem-teto. **Parecia que minha existência era um crime**; a meu pensar, só branco rico podia ter nível superior, era algo destinado a eles. Eu achava que eu tinha nascido para ser doméstica - pensei que trabalharia em uma casa de família rica, de gente branca, que me doaria o resto, teria vários filhos, assim como minha mãe, me casaria, levaria uma vida regrada, de casa para o trabalho, do trabalho para casa. Nem sabia o que era ativismo. Ainda não tinha ciência da existência do *Aurélio*, o dicionário. (FERREIRA, 2020, p.18)

Assim que seu corpo é atravessado pela luta por moradia, uma transformação interna acontece em si mesma e o seu olhar passa a se voltar para aqueles responsáveis por esse descaso, questionando-se, também, sobre o lugar do corpo negro na sociedade. Essa percepção coloca o Estado como o responsável pela criminalização dos corpos negros, já que este nega investimentos em soluções que possam proporcionar uma boa qualidade de vida para todos e erradicar as desigualdades sociais, democratizando todos os espaços. A partir disso, todos esses ambientes que lhe foram negados passam a se tornar palpáveis e seguir seus sonhos, um ato de revolta contra um sistema que insiste em matar e encarcerar pessoas negras massivamente, o que tem como consequência o reforço de um imaginário social no qual as possibilidades de ascensão não existem para essas pessoas.

Diante dessas questões, vemos como o ambiente pode formar e transformar um corpo. Por isso, a sua existência, sua linguagem, seu corpo em movimento, em contato com o mundo, adquirem aspectos conscientemente políticos, que ficam evidentes por meio do seu posicionamento no livro e sua presença na prisão. Como podemos perceber no trecho da carta a seguir, redigida por Preta enquanto estava presa, para o então presidente Lula:

Sempre soube das mentiras e das armadilhas dos “senhores feudais”. Eles não dormem até derrubar um inconformado; e doeu mais quando senti na pele, pois é insuportável pagar por um crime que não cometemos. **Meu crime foi nascer mulher, preta e pobre em um país racista e machista**, onde quem luta por seus direitos é alvejado ou preso injustamente por criminosos de colarinho branco. (FERREIRA, 2020, p.50)

Preta foi vítima da crescente criminalização dos movimentos sociais, e ela tem plena consciência dos motivos pelos quais a sua luta por direitos é alvo de criminalização. Ela sabe que o Estado não mede esforços para resolver os problemas oriundos da pobreza e toma iniciativas para criminalização da mesma, não importa quantos corpos negros sofram com a falta de acesso aos seus direitos constitucionais, como a moradia, e não importa a que circunstâncias estejam submetidos, o que ocasionalmente pode levá-los a cometer crimes por falta de oportunidades, por estarem à margem da sociedade buscando sobreviver. Assim, essa consciência a deixa ainda mais engajada na sua revolta contra esse sistema e ao se relacionar com as mulheres que estão presas com ela, tece reflexões a respeito de todas ali também serem presas políticas:

Todas são presas políticas. Resultado do sucesso da necropolítica. A falta de oportunidade, de direitos, de governantes que realmente exerçam suas funções sem seletividade, a falta de seus direitos constitucionais, direito que elas, em sua maior parte, nem sabem existir. São escravas desse sistema opressor e injusto. É como viver o *apartheid*. Estamos nas sobras de 1964. A população negra morre nas mãos da polícia, e o genocídio não é velado, tem autorização do ministro. (FERREIRA, 2020, P.167)

Na busca por subverter a narrativa falsa sobre si mesma imposta pela polícia, ela se vê obrigada a transformar-se em escritora. Logo no início do livro, ela escreve sobre a necessidade de escrever a sua “própria narrativa”, o que podemos compreender como um movimento de não deixar mais que pessoas brancas tomem a iniciativa de escreverem sobre as histórias que concernem aos corpos pretos, como se deu ao longo da história, desde a colonização. O seu livro foi escrito em formato de diário, durante os 108 dias em que esteve privada de liberdade. O motivo de sua prisão deu-se a partir de uma denúncia anônima e sem provas concretas. Segundo o inquérito da polícia, Preta cobrava uma taxa aos moradores do prédio ocupado pelo movimento que ela e sua mãe administravam, por isso foi acusada de extorsão e organização criminosa. Ela explica que havia uma taxa que era cobrada aos moradores da ocupação, entretanto tinha como destino a manutenção do prédio. Além disso, também foi culpabilizada por um incêndio que ocorreu no prédio de outro movimento por moradia do qual ela não fazia parte e não tinha nenhuma relação.

Muitas funcionárias do presídio a viam como culpada, devido a narrativa criada pelos investigadores. No entanto, quando é entrevistada por canais de TV e recebe a oportunidade de contar a sua narrativa, torna-se possível desmascarar a verdade construída pelas figuras de poder que tentavam incriminá-la. Assim, consegue não só mudar a opinião das funcionárias, como também gerar uma grande repercussão e revolta em torno do seu caso dentro e fora do presídio.

Nos corredores, o volume se fazia ouvir bem alto, cada direito que eu exigia era um grito das companheiras, que aplaudiam, me dizendo: “Eu voto em você, você falou tudo, companheira, que orgulho, você tem que sair logo daqui”. Quem não tinha TV na cela, como eu, colocou os ouvidos na boqueta⁷ para escutar a entrevista. Foi uma manhã bem agitada para marcar um mês da minha prisão injusta. (FERREIRA, 2020, P.64)

Percebe-se, então, que se não fosse pelo seu envolvimento na luta por moradia, por seu diploma e por todos aqueles cientes de sua inocência, que fortaleceram sua luta do lado de fora, talvez a prisão teria cumprido com o papel de silenciar sua voz, assim como o faz com as diversas vidas que vemos retratadas no livro. Entre essas mulheres, muitas delas estão presas sem julgamento “há anos, não tem família, não tem advogado, não tem expectativa de vida” (FERREIRA, 2020, p.99), ou seja, não importa o quanto tentem gritar, em sua maioria, suas vozes não conseguem garantir que a justiça seja feita. Preta tem consciência desse lugar privilegiado que ocupa, justamente por ser ativista, participante do Movimento Sem Teto do Centro de São Paulo, é íntima da luta contra os descasos do Estado e não perde a esperança em provar a sua inocência.

Enquanto teve seu corpo privado de liberdade, através da escrita ela encontrou um espaço para experimentar a liberdade da sua mente, gritar, contar a sua verdade, relatar tudo o que viu e o que sentiu, denunciar a incompetência do sistema jurídico brasileiro e fazer reflexões críticas sobre a nossa sociedade e a prisão.

Aqui no Brasil, eles investem em presídios e tiram da educação, não investem nos pobres, tomam todos os seus direitos e nos fazem acreditar que é assim que tem que ser. Eu fui presa por não aceitar essas imposições e as injustiças de um governo que age contra o pobre, trama para silenciar e amedrontar. (FERREIRA, 2020, p.47)

⁷ Buraco na porta da cela.

Na obra de Graciliano, para além da escrita como espaço de liberdade, assim como Preta, vemos que essa crítica em torno da sociedade e da prisão também fica evidente, por meio do seu posicionamento político e da sua denúncia em relação aos comportamentos bestiais, ferozes e irracionais dos guardas. O que faz do seu relato diferente dos outros relatos da época, já que ele, ao invés de se afastar dos presos comuns, se aproxima deles. Ele está emaranhado em meio a homens que, assim como ele, estão ali sem julgamento, sem direitos e ameaçados de morte desde o primeiro dia em que foram colocados ali, submetidos a todo tipo de violência que seus corpos podem suportar:

Despertei, vi a dois passos um soldado cafuzo a sacudir violentamente o primeiro sujeito da fila vizinha. Muxicões terríveis. A mão esquerda, segura à roupa de zebra, arrastou o paciente desconchavado, o punho direito malhou-o com fúria na cara e no peito. A fisionomia do agressor estampava cólera bestial; não me lembro de focinho tão repulsivo, espuma nos beiços grossos, os bugalhos duas postas de sangue. Os músculos rijos cresciam no exercício, mostrando imenso vigor. Presa e inerte, a vítima era um boneco a desconjuntar-se: nenhuma defesa, nem sequer o gesto maquinal de proteger alguma parte mais sensível. (...) O corpo estragado conservou-se imóvel. (RAMOS, 2020, P.491)

A ineficácia do sistema de justiça criminal é verificada quando analisamos os dados da pesquisa realizada pelo IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), revelando que em 2015, entre os réus que cumpriam prisão provisória, 62,8% foram condenados à prisão, enquanto 17,3% foram absolvidos. Esse número chega a 37%, somando casos de arquivamento, prescrição e medidas de segurança, evidenciando um uso abusivo da prisão provisória, na qual muitas pessoas são detidas sem terem sido julgadas culpadas ou não. Essa realidade é vivenciada por Preta, tanto como testemunha de outros casos como no seu próprio, no qual aguarda julgamento enquanto as únicas provas contra ela se baseiam, em suas palavras, em uma “fofoca”, revelando a incompetência deste sistema.

Na acusação, a “testemunha” diz que uma pessoa chamada Aparecida soltou a seguinte frase: “Verônica, a filha da Carmen está presa por sua causa, eu vou falar pra ela que você está aqui, ela vai te fritar!”. Isso consta no processo, motivo de minha prisão temporária. (FERREIRA, 2020, P.31)

O encontro do corpo de Preta com esse poder que deseja reprimir sua existência, demonstra como uma vida pode ser retirada do “anonimato” e conquistar certa fama. Em *A vida dos homens infames* (2003), Foucault traz à tona exemplos de vidas comuns que quando se esbarram com essa luz do poder ganham breves relatos de suas existências por meio de documentos, registros de internamento e prisão, o que demonstra como alguns comportamentos estavam submetidos a ser julgados como certos ou errados e, conseqüentemente, punidos ou mantidos sob controle das autoridades. Quando me refiro a Preta, ponho anonimato entre aspas pois sua vida não é tão comum assim, já que ela era uma figura pública por ser artista e ativista. Mas, é a partir dessa prisão, que sua existência ganha uma fama ainda maior, seus seguidores no instagram aumentam, a sua luta e a sua causa passam a ser conhecidas por novas pessoas, desconstruindo muitos preconceitos a respeito dela. Por isso, ela se tornou um símbolo de luta e referência às outras presas, de uma mulher preta, pobre, presa injustamente, mas com sede de justiça e plena consciência dos seus direitos constitucionais.

No momento em que é presa, seu corpo passa a ser marcado pelas injustiças do sistema criminal brasileiro, assim como os outros corpos que estão ali. A luta daquelas mulheres passa a ser sua também, já que agora tornou-se uma dentre as tantas submetidas àquelas circunstâncias, portanto pôde sentir na pele e ver de perto as condições desumanas nas quais eram obrigadas a viver. Diante disso, é necessário questionarmos qual o objetivo dessa instituição, os corpos que caem sob seu domínio estão recebendo apoio para retornar à sociedade ou estão sendo preparados para a morte? Preta levanta essa reflexão quando é entrevistada e afirma que a prisão é mais um espaço para tortura do que um espaço para reeducar e “corrigir” um indivíduo:

As pessoas estão sendo presas não para cumprir pena, mas para serem torturadas. Tem presídio em que não há condição de vida, com comida que chega com rato. Quem consegue comer isso? Passei três noites e três dias dormindo no relento, sem tomar um gole de água, sem comer nada. Isso é uma prisão ou é uma tortura?⁸

8

<https://www.brasildefato.com.br/2021/01/24/minha-carne-e-um-grito-de-liberdade-diz-preta-ferreira-so-bre-lancamento-de-livro>

Graciliano passava por essa mesma situação oitenta e três anos atrás, mesmo passados todos esses anos as estruturas das prisões continuam em estado de insalubridade total, como é relatado por Preta. Apesar da intervenção de instituições que buscam garantir que os direitos humanos não sejam violados, é comprovado que as prisões não passam de engrenagens dessa máquina de matar e torturar corpos, sendo esta sua verdadeira função desde que surgiu.

Colheres e pratos de folhas tiniram, chocando-se na distribuição, e logo veio a comida: feijão negro, farinha, um pedaço de carne. Uma insignificância, ninguém podia alimentar-se com tão pouco. Mas o que me assombrava era o aspecto da boia. Horrorizei-me, pensando em vômito, em lata de lixo. Afirmando a mim mesmo ser impossível um estômago suportar aquilo, observava o contrário, numerosas pessoas devorando sôfregas, insensíveis à porcaria e ao cheiro teimoso de podridão. O olfato, o paladar e a vista acomodavam-se às circunstâncias. (RAMOS, 2020, P.504)

Na escrita de Preta vemos que existe uma relação do eu-nós bem explícita e ela coloca o corpo como resistência para enfrentar essa engrenagem de matança. Por conta disso, ela reafirma sempre a necessidade de que seu grito por liberdade esteja no plural: LIBERDADES PRETAS. Entretanto, havia uma diferença entre ela e a maioria dos outros corpos negros, fazendo com que o seu destino dentro do presídio fosse diferente daquele imposto à maioria das mulheres pretas no Brasil, cujo acesso à educação é limitado e restando-lhes livre acesso para violação de seus direitos humanos. Preta encara essa situação como um rompimento do apartheid dentro da cadeia, já que o seu diploma lhe confere esse lugar na cela “especial”, no qual a maioria das mulheres é branca. Por isso, ela aponta a educação como um caminho para burlar o sistema, que nitidamente deixa de investir na educação como estratégia, criando barreiras para que os pobres não ocupem os mesmos lugares que a elite.

O que vai vencer essa opressão é o estudo em massa... Vocês acham que esses cortes na educação acontecem porque o país está quebrado? Não, é porque, quanto mais pobre fora do sistema educacional, mais fácil de manipular, de lhe roubar direitos. Pobre educado, de nível superior, oferece perigo ao sistema. (FERREIRA, 2020, p.66)

O desinteresse do poder público em relação à educação fica ainda mais explícito quando Preta descreve a condição na qual as presas do pavilhão, que

estudavam para prestar vestibular e pela remição de pena, se encontravam. Elas pediram ajuda à Preta, pois os professores não estavam dando aula, colocavam videoaula de outros professores e não explicavam a matéria, então se a “reeducanda”, se é que podemos usar essa palavra, não conseguisse absorver o conteúdo, ou não se interessasse, a culpa não seria dos “profissionais” responsáveis pelas aulas, mas sim daquelas mulheres.

A ideia de que a prisão seria um lugar onde os sonhos e a perspectiva de um futuro não existem pode ser muito comum, mas ela é desmistificada pela autora: “Todas elas sonham, e eu as encorajo a realizar seus sonhos, que não foram feitos para ficar apenas na mente.” (FERREIRA, 2020, p.174). Um desabafo recorrente no livro é em relação a necessidade de oferta de oportunidades a essas mulheres, a autora reflete tanto no assunto que sonha em organizar uma ONG quando sair da prisão.

Foi possível perceber, também, como o seu posicionamento político, diante daquela situação, não fica exposto apenas nas suas ideias e palavras, mas também por meio das suas atitudes e do comportamento do seu corpo. Ao testemunhar a realidade das mulheres encarceradas, se relaciona com elas, as oferece o lugar de escuta e a oportunidade de contarem suas próprias narrativas. Essas histórias, por mais que sejam contadas através das palavras de Preta e não das mulheres em si, permite que elas deixem de ser apenas números, ganham rostos e nomes, rompendo, dessa forma, com a sistemática tentativa de silenciamento e apagamento de suas existências, além de desconstruir estereótipos em torno daqueles corpos.

Devido às suas habilidades sociais bem desenvolvidas, ela consegue estabelecer uma boa relação com quem encontra, por isso troca experiências, conselhos e tenta ajudar com o que está ao seu alcance, conseguindo, por exemplo, comprovar a inocência de algumas mulheres e ver muitas delas acreditando mais em si mesmas. Até escreve uma canção que dedica às suas colegas para que não se esqueçam da força que carregam em si:

NÃO PERCA SUA FÉ

Em meio ao fluxo e refluxo da maré do meu destino
Eu lutei bravamente, no silêncio perpétuo (profundo)

O medo que tentou me afogar no mar da solidão

Puxou a minha mão pra outra direção

Gritei bem alto, porque me calar nunca foi uma opção
Nas horas obscuras a tristeza não perdura
Insista, resista, persista, não fuja, não desista...

[refrão duas vezes]

Tire forças do além
Olhe para o horizonte
Evolua sua mente
O sentido (caminho) é pra frente

Nem toda tristeza é capaz de lhe parar
Coloque-se de pé
Não perca sua fé é é é...

Use a resiliência dentro de você
Não espere o outro vir pra reerguer

Não faça do seu caminho muito mais longo que a eternidade
Desfrute a liberdade
Transforme toda dor no mais puro amor

Encare sua realidade, nada dura pra sempre
Bem menos a maldade

Quando a autora escreve o relato das histórias que ouviu, não se abstém a contar somente os fatos isolados que as levaram presas, ela contextualiza suas histórias, deixando evidente o abandono do Estado em relação a essas vidas, como podemos ver no caso de Dona Vânia:

Dona Vânia, por exemplo, é uma senhora que está presa há mais de vinte anos, mas porque quer. Ela sai e, então, faz de tudo para retornar. Seu grande prazer é cuidar do jardim e dos quinze patos...(…) Dona Vânia vive em situação de rua, não tem família, amigos, filhos, ninguém. Aqui ela encontrou um lar, alimento e uma cama. (...) Dona Vânia fez a opção de permanecer no presídio para sobreviver, e o que me resta é sair deste lugar e tentar ajudá-la de alguma forma... (FERREIRA, 2020, P.72)

É urgente a necessidade dessas mulheres em serem ouvidas, por meio da análise da transcrição de relatos orais de mulheres encarceradas, no artigo *Histórias de vida de mulheres em situação de aprisionamento* (2020), isso ficou evidente, logo oferecer o lugar de escuta, como Preta fez, é muito importante. Não só para que possamos compreender quem são as pessoas por trás dos números, mas também, segundo elas mesmas disseram, para que suas narrativas alcancem outras e estas

aprendam e não cometam os mesmos erros. A partir desses relatos, foi possível entender também como algumas mulheres não sabiam o que era machismo e como ele afetava em suas vidas.

Uma coisa sobre a qual tenho pensado é tentar ajudar as pessoas, contar a minha história, principalmente para mulheres, quando sair daqui. Acho que devemos ser mais unidas. O mundo é muito machista. Muitas mulheres sofrem demais por causa desse mundo. (RIBEIRO et al., 2021, P.12)

Esses relatos trazem à tona os diferentes marcadores de opressão (raça, gênero, sexualidade, classe social, entre outros) que tingem as trajetórias das vidas em questão, na qual a maioria se encontra em vulnerabilidade social. A respeito do número de mulheres presas no Brasil e os motivos de suas prisões, Juliana Borges (2019) aponta como a juventude negra é a que mais sofre:

Temos a quinta maior população de mulheres encarceradas do mundo, ficando atrás apenas de Estados Unidos (205.400 mulheres presas), China (103.766), Rússia (53.304) e Tailândia (44.751). Entre as mulheres encarceradas, 50% têm entre 18 e 29 anos e 67% são negras, ou seja, duas em cada três mulheres presas são negras. **Há, portanto, um alarmante dado que aponta para a juventude negra como foco de ação genocida do Estado brasileiro.** (...) Tráfico de drogas e roubo são a maioria dos atos infracionais e os argumentos apresentados não diferem: vulnerabilidades sociais, necessidade de sustento dos filhos e da família, desestruturação familiar, violência e abuso doméstico-sexual. (BORGES, 2019, p.20)

É inevitável afirmar a importância de ouvir e conhecer a perspectiva feminina sobre o cárcere, diante disso, a obra de Preta Ferreira se mostra como essencial para abranger o leque da literatura do cárcere nesse recorte de gênero. As obras mais conhecidas dentro dessa temática da prisão foram escritas por homens: *Memórias do Cárcere* (1953), de Graciliano Ramos; *Estação Carandiru* (1999), de Drauzio Varella; *Diário de um detento: o livro* (2001), de Jocenir; para citar alguns exemplos e nelas viamos apenas as experiências dos homens. E essas narrativas apresentam perspectivas distintas porque a experiência fenomenológica do corpo de uma mulher, mais especificamente, do corpo de uma mulher negra, vai determinar as situações pelas quais a mesma vai passar e os diferentes motivos que podem levá-la a ser presa, assim como suas sensações e percepção de mundo, que não são as mesmas dos homens, sejam eles brancos ou negros.

O encontro de Preta com essas mulheres dentro do presídio permitiu que algumas narrativas, das mulheres que cruzaram seu caminho, pudessem ultrapassar os muros da prisão. Através do seu livro aquelas vidas e as injustiças que as colocaram naquele local estão, agora, concretizadas em suas palavras e colocam em pauta questões que devem ser refletidas pela sociedade. Até pouco tempo atrás, não existiam muitos estudos em torno dos motivos que levam as mulheres a serem presas, por isso que ouvi-las é fundamental para entender o contexto de suas realidades e dissecar problemas sociais da sociedade brasileira. Um ponto importante que Preta percebe é que, na maioria dos casos, nos motivos que levam as mulheres à prisão, sempre “tem um homem no meio” e como muitas delas podem ser levadas a cometer crimes para evitar que sejam mortas nas mãos dos mesmos.

O esposo a espancava muito, e ela tinha medo de denunciá-lo - tanto por ele ser policial quanto por ela ter um bebê recém-nascido. Num dia qualquer, ela preparou a janta. Ele amava batata frita, e ela esquentou dois litros de óleo pra fritar; então ele jantou e foi dormir. Ele a chamou pra ir para cama, e ela disse que estava colocando o bebê pra dormir, mas pegou o óleo fervendo e jogou no ouvido dele; o óleo respingou nela e no bebê também, e, enquanto ele recebia o óleo quente, gritava, chamando ela de desgraçada. Depois de quinze dias internados, ele e o bebê morreram. Ela foi presa e ficou louca, pois a intenção nunca foi matar o bebê, mas o homem. Ela passou a ouvir vozes e achar que o bebê estava vivo. Seu fim: ficar internada no hospital psiquiátrico para sempre. (FERREIRA, 2020, P.122)

Além disso, a questão do abandono, em comparação aos homens, é muito mais presente. O que é comprovado pelas filas dos presídios, para visita dos homens, amontoadas de mulheres; enquanto estas, quando presas, são descartadas e substituídas por outras, por isso as filas para visita das mulheres não têm a mesma quantidade de homens. Dentre um dos motivos mais frequentes para o encarceramento feminino, está o envolvimento com o tráfico de drogas, são recorrentes os casos em que tentam levar drogas para o homem preso e muitas acabam sendo pegas. Isso demonstra como os homens, dentro dessas circunstâncias, recebem apoio e suporte, mesmo que suas companheiras tenham que colocar sua vida em risco. Enquanto isso, as mulheres não recebem o mesmo tratamento. Dentro do presídio, Preta relata sobre um programa na rádio chamado *Momento do Presidiário*, no qual o abandono fica ainda mais explícito:

Todos os dias, às 9h, ouço um programa evangélico muito criativo, no qual as familiares dos presos ouvem os recados e ligam para mandar notícias a presos de todos os presídios de São Paulo. E, assim como eu, os presos acompanham os recados pelo rádio. (FERREIRA, 2020, p.116)

Durante todo o tempo em que ouviu o programa “nunca houve recado de um homem para uma presidiária”. Como consequência, vemos que a solidão dentro do cárcere pode ser um fator significativo para o desequilíbrio emocional daquela que se encontra nessa situação, já que muitas mulheres não apenas são abandonadas pelos seus companheiros, mas também pelos seus próprios familiares. Muitas vezes a autora reflete sobre a necessidade de ter algo no que se agarrar, que se não manter a cabeça no lugar com foco em ter fé e esperança, sua mente poderia levá-la a lugares escuros demais e afunda-la, tanto é que ela escreve sobre ter pensado em se suicidar:

Eu queria que todas as pessoas cruéis, ruins, passassem um mês presas, só um mês, pra saber quão desesperador é - passam mil coisas na minha cabeça, entre elas como seria se eu me suicidasse. Eu não vou fazer isso, mas já pensei em fazer, é desesperador não saber o seu destino. (FERREIRA, 2020, P.185)

Dessa maneira podemos comprovar como o ambiente prisional pode desenvolver uma apatia pela vida, produzir corpos mortos ou que desejam estar mortos buscando um fim às agonias em que estão expostos. Graciliano deixa isso evidente em suas memórias ao descrever alguns corpos como cadáveres que cambaleavam pelos cantos, e quando se referia a falta de sensibilidade do seu próprio corpo, dizia que seus órgãos não existiam de tamanho entorpecimento. Ao narrar o episódio em que teve uma hemorragia, compartilha do mesmo pensamento de Preta sobre suicídio:

(...) ia-me invadindo uma agradável apatia. Era realmente como se aquilo não fosse comigo. Nem uma vez tinha pensado no suicídio; não me inquietava, porém, a conjectura de adoecer, piorar, **acabar-me ali** ou ser transferido para uma enfermaria de indigentes. (RAMOS, 2020, P.191)

Em meio a essa crueldade em relação ao corpo, nos dias de visita, Preta observa momentos de alívio e alegria, “o fim de semana tem som de vida”, ela diz,

mas, também, momentos de muita tristeza, quando vê mães que são impedidas de ver seus filhos, por exemplo. Ela mesma passa por uma frustração parecida, ao se deparar com a tentativa, daqueles que agora detêm poder sobre a sua vida, de dificultar, em um primeiro momento, o seu direito a receber visitas. Quando se vê impedida de receber sua irmã pela justificativa de estar com tranças, a única companhia que lhe resta é a própria, e, como forma de aliviar a angústia que sentia, escrevia.

As cartas que recebia também eram motivo de alegria e eram guardadas com muito carinho, consideradas seu maior tesouro, pois sempre voltava a lê-las quando tinha necessidade de não perder a esperança e a fé. Era como se permitissem que a sua mente fosse levada para outro lugar, por isso deixava que as outras presas lessem suas cartas, para que também se sentissem assim. Esse sentimento se reproduz na escrita de Preta, pela proximidade com que ela fala com o leitor. Como se fosse uma carta, adentramos nos dias da cadeia junto dela.

Quando Preta é questionada sobre o que a ajudou a sobreviver à cadeia, ela responde que sua consciência de classe, “sempre soube do meu papel de mulher preta e do papel da sociedade referente a mim” (FERREIRA, 2020, P.210). Além disso, seu lado artístico também foi fundamental, possibilitou que transformasse aquele sofrimento em outra coisa, por meio da música e da poesia. O seu desejo foi o de deixar uma marca de amor, um rastro da sua luta pela paz e pela igualdade, apesar daquele ambiente lhe dar inúmeros motivos para se tornar uma pessoa amarga, ela manteve sua essência intacta. Ela relata que buscou sua liberdade pela arte, por mais que seu corpo estivesse preso, a arte possibilitou que fosse livre de outras formas. Esse movimento de resistência que reflete em seu corpo, é uma luta contra essa quebra de vontade imposta pela prisão, sentimento esse descrito por Graciliano em suas memórias, vemos ser comum na experiência de Preta:

Pergunto a Deus se irá demorar muito, pois estou cansando... É como o último suspiro no fim da batalha, a cadeia tá começando a pesar. Ficar presa cansa demais. A esperança vai se esgotando, aí procuro um fiozinho de esperança a que me agarrar, penso nas crianças, no que me espera lá fora, mas hoje não sei nada. O silêncio impera, e isso me preocupa. Ser forte o tempo todo cansa, e, na hora da tranca, só quem sabe o que eu sinto é Deus. Ele sabe quantos litros de lágrimas eu derramo. (FERREIRA, 2020, P.185)

Sobre as histórias de vida que escuta, muitas têm fios comuns com a sua própria vida. Mulheres que matam seus maridos por sofrerem violência doméstica, a lembram da própria mãe, que poderia ter tido o mesmo destino. Uma mulher que escolhe viver presa, pois não suporta a solidão da vida na rua, a faz lembrar dos dias em que trabalhou como agente social recolhendo pessoas nessa situação. Preta observa todos esses casos e percebe como o Estado falha na garantia dos direitos constitucionais dessas pessoas que ficam à margem da sociedade. Com isso, ela coloca seu ativismo em prática e começa a organizar alguns planos para o futuro: “Estou pensando em organizar uma ONG para ajudar as reeducandas que não tem oportunidade. Quero fazer esse projeto para durante a prisão e depois.” (FERREIRA, 2020, p.86).

Isso demonstra como, do início ao fim de seu livro, mergulhamos nas sensações vividas pelo corpo da autora, dentre elas: revolta, frustração, mas também esperança, sonhos e devaneios com a liberdade. Além disso, fica evidente também as transformações que esse ambiente ocasionou sobre a sua existência, levando-a a reverberar seu ativismo para a condição das mulheres encarceradas, e sobre o seu corpo, deixando uma marca na memória dessa carne, uma tatuagem na alma como vimos nas palavras de Graciliano. Já no final do livro, Preta descreve sobre os sentimentos pós liberdade, os traumas e a sensação de ter sido marcada “a ferro quente”:

Por mais coisas que eu tenha vivido depois que eu saí da prisão, os traumas sempre retornam, as lembranças são perversas, os sentimentos são reais. A mente sempre faz questão de me lembrar, meu corpo sempre faz questão de sentir. Não consigo me livrar disso. (FERREIRA, 2020, P.207)

Conclui-se que a partir desse encontro interno com a liberdade, vemos que a beleza em seu livro está no potencial que a arte tem de proporcionar força àqueles que se dispõem a transformar dor em arte, música ou escrita. Nas memórias de Graciliano, observamos um momento em que essa força também é notada, no qual ele relata como a arte de seu companheiro, Paulo Pinto, que começou a cantar um samba, “dava força às almas tristes, aos corpos fatigados” (RAMOS, 2020, P.183). A imaginação que se apresenta ao tocar um instrumento invisível se mostra como um ato de resistência do resquício de vida que ainda existe naqueles corpos, tanto para

criar, quanto para se retirarem da invalidez de corpos exauridos pelo descaso ao se reerguerem para cantar e dançar.

Apurei os olhos e os ouvidos, percebi lá embaixo Paulo Pinto a iniciar um samba. Estava de pé e gesticulava, fingindo mover um ganzá inexistente (...) As precauções desapareceram, as notas elevaram-se, ainda vacilantes, ganharam nitidez, o queixume pareceu transformar-se em dura exigência. Um murmúrio plangente, em seguida o rumor de cólera surda, e logo as adesões imprevistas, corpos a levantar-se nas redes, figuras aniquiladas a surgir da noite, espectros ganhando carne e sangue, pisando o solo com firmeza. Tinham estado em perfeita indiferença, numa resignação covarde e apática (...) (RAMOS, 2020, P.180)

Por isso que a mente sempre encontra um meio de exercer a sua liberdade, como Preta afirma em uma entrevista à Brasil de Fato em 2019: “Prenderam meu corpo, mas aqui dentro, na minha cabeça, estava livre⁹.” A escrita e a leitura também foram ferramentas importantes para sobreviver ao sentimento de solidão, angústia, tristeza e perda da liberdade do corpo. Portanto, por mais que seu livro relate muitas injustiças e esteja carregado de dor - o que por um momento fez com que Preta tivesse uma aversão ao livro - depois que publicado, e com toda repercussão, ao lê-lo novamente, teve outra perspectiva e entendeu que sua obra é um convite à revolta, à luta por um mundo mais justo e também uma forma de mostrar que o presídio é um lugar com arte, mulheres artesãs, por exemplo, que só precisam de oportunidades para serem efetivamente re-inseridas na sociedade.

9

<https://www.brasildefato.com.br/2021/01/24/minha-carne-e-um-grito-de-liberdade-de-iz-preta-ferreira-sobre-lancamento-de-livro>

CONCLUSÃO

Foi possível concluir que as experiências das subjetividades analisadas, expressas em suas obras, revelam pontos de intersecções assim como também revelam pontos que não foram percebidos pelo outro por conta das suas diferenças enquanto esse corpo ser-no-mundo. A leitura de Graciliano foi importante para pôr em evidência o corpo preso e suas sensações, abrir a discussão sobre o etiquetamento de preso político e preso comum, assim como compreender as raízes que deram origem às diferenças raciais dentro desse rótulo.

Por outro lado, a leitura de Preta permitiu analisar as marcas da sua subjetividade descritas na sua experiência na prisão, entendendo o lugar que o corpo negro ocupa na sociedade, sendo este alvo de criminalização e morte. A sua história de vida pessoal compreende a história de milhões de outras mulheres negras, e por isso ela torna a sua luta coletiva, trazendo à tona essa ideia de corpo-nós. Além disso, ficou evidente como o sistema de justiça criminal funciona de forma seletiva, revelando que sua principal função é manter sobre controle e marginalizar os corpos negros.

Por fim, o desejo do corpo em resistir é expresso pelos dois autores através da materialidade das suas experiências por meio escrita, percebeu-se que por meio dela foi possível buscar sensações de liberdade e sobreviver de outras formas. Portanto, conhecer a literatura produzida por pessoas que passaram pela experiência do cárcere é de extrema importância para que essas vidas não sejam esquecidas e apagadas, já que as prisões têm esse objetivo. E também desmistificar preconceitos em relação aos corpos que foram marginalizados ao longo da história, é preciso colocar em pauta os motivos que levam as pessoas a serem presas e nos questionarmos se essas medidas são mesmo eficazes, se estão contribuindo para que vivamos em um mundo melhor ou se estão apenas contribuindo para perpetuar a violência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORGES, Juliana. **Encarceramento em massa**. São Paulo, 2019

CORRÊA, Éder. **A arte encarnada no mundo: Merleau-Ponty e a literatura**. Porto Alegre, 2016.

FERREIRA, Preta. **Minha Carne: Diário de uma prisão**. São Paulo: Boitempo, 2020.

FLAUZINA, Ana. **Corpo negro caído no chão: o sistema penal e o projeto genocida do estado brasileiro**. Brasília, 2006.

FOUCAULT, Michel. **A verdade e as formas jurídicas**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

GALEANO, Diego, et al. **De presos políticos a presos comuns: estudos sobre experiências e narrativas de encarceramento**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2021

JOCENIR. **Diário de um detento: o livro**. São Paulo: Labortexto Editorial, 2001.

.A vida dos homens infames. In:. **Estratégia, poder-saber. Ditos e escritos IV**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, p-203-222.

MIRANDA, Wander. **Corpos Escritos: Graciliano Ramos e Silviano Santiago**. 2a ed. São Paulo, 2009.

RAMOS, Graciliano. **Memórias do cárcere** [recurso eletrônico] -1. ed.-Rio de Janeiro : Record, 2020.

RAMOS, Graciliano. **Vidas secas** [recurso eletrônico]– 1. ed. – Rio de Janeiro: Record, 2020.

RIBEIRO, Fernanda Silva de Assis; GODINHO, Letícia. **Histórias de vida de mulheres em situação de aprisionamento**. Dilemas, Rev. Estudo. Conflito Controle Soc.- Rio de Janeiro - Vol.14 - n 2 - MAI-AGO 2021 - pp. 289-508.

VARELLA, Drauzio. **Estação Carandiru**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

